

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Trascent
3457
S.9.(c)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”: O ISLAMISMO ENTRE O TERROR
E A RELIGIOSIDADE NO OCIDENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

LUCAS DE OLIVEIRA SIMÕES

3457
S.9.(c)

2 edb

LUCAS DE OLIVEIRA SIMÕES

A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”: O ISLAMISMO ENTRE O TERROR
E A RELIGIOSIDADE NO OCIDENTE

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida.

Uberlândia, Fevereiro de 2007.

Simões, Lucas de Oliveira, 1984.

A construção do “outro”: o Islamismo entre o terror e a religiosidade no Ocidente.

Lucas de Oliveira Simões – Uberlândia, 2007.

50 fl

Orientador: Paulo Roberto de Almeida.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Palavras Chaves: Islamismo, Oriental e Ocidental.

LUCAS DE OLIVEIRA SIMÕES

A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”: O ISLAMISMO ENTRE O TERROR
E A RELIGIOSIDADE NO OCIDENTE

BANCA EXAMINADORA

Prof. Paulo Roberto de Almeida - Orientador

Profa. Fabiola Carneiro de Matos

Profa. Maria Gisele Peres

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a **Deus**, pela oportunidade que me deu em cursar uma faculdade.

Aos meus **pais Pedro e Sônia** pelos ensinamentos e pelo amor e carinho, além do total apoio em todos os momentos da minha vida. Dedico essa conquista a eles.

Aos meus **irmãos Ronaldo César, Álvaro, Daniel e Gabriel** que cada com sua singularidade contribuiu para a formação do meu caráter, sendo também importantes para a realização deste momento.

À **Mariane** que mesmo estando longe fisicamente foi de suma importância para a realização deste trabalho, me dando sempre apoio e muito amor.

Ao **Tiago** e a **Mariana** pela grande amizade e companheirismo durante toda a faculdade, sem sua ajuda e seus ensinamentos não conseguiria chegar até aqui.

Ao Amigão **Jonalvo** irmãozinho que infelizmente não pude ter a companhia neste último ano, mas agradeço pela amizade e pelas horas de companhia sempre agradável durante estes cinco anos.

Ao meu **Orientador Paulo Roberto de Almeida** grande mestre que com sua simplicidade e conhecimento me foi grande exemplo de inúmeros ensinamentos que levarei comigo para sempre.

Aos **Colegas de faculdade** que com suas várias diferenças colaboraram na minha formação profissional e pessoal.

Aos **Amigos** que não citarei nomes para não cometer injustiças, mas que guardo no coração como grandes exemplos a seguir.

Sumário

Introdução.....	6
Capítulo I: Imprensa e terror: a construção do “outro”	16
Capítulo II: O mundo não é bem assim: cultura e interpretações.....	33
Considerações Finais.....	54
Referências Bibliográficas.....	56

Resumo

Este presente trabalho tem como objetivo discutir questões referentes ao Islamismo, e sua prática na cidade de Uberlândia, assim como análise de todos os preconceitos que foram disseminados pelos meios de comunicação, após os acontecimentos de 11 de setembro nos Estados Unidos. Visa também a discussão da questão entorno dos mundos oriental e ocidental, como as relações entre esses dois mundos se dão, levando-se em conta que são séculos de contato.

Palavras Chaves: Islamismo, Oriental e Ocidental.

Introdução

No decorrer da minha graduação, deparei-me com diversos assuntos, temas interessantes e instigantes. Porém nenhum me chamou mais a atenção do que o Islamismo, que é pouco explorado durante todo o curso, temos um breve contato com o tema quando por oportunidade da realização da matéria História Medieval, mas apenas superficialmente. O Islamismo me atrai por ser um tema contemporâneo a nós, contudo não tem no meu ponto de vista, o espaço que merece para discussão no processo de graduação em História, por entender que o Islamismo é um tema muito rico. Portanto procurarei por meio do meu trabalho, discutir questões que sejam pouco abordadas em nossa instituição.

Com a produção desse trabalho, espero compreender pontos que escapam do meu entendimento, até esse momento, contudo meu principal objetivo é ao menos produzir uma interpretação diferente que abra novos caminhos para outras e também temas de pesquisa, já que o Islamismo assim como vários outros assuntos são pouco abordados em nossa instituição. Pretendo também trabalhar com a fonte oral, para a partir desse estudo analisar as questões sobre o Islamismo por meio da visão dos sujeitos que o vivem no dia-a-dia.

A importância do tema é indiscutível, porque além de se tratar de um assunto contemporâneo a nós, tem obtido cada vez mais espaço na mídia (jornais, televisão, revistas, Internet, etc.). Com os acontecimentos de 11 de setembro, essa discussão tornou-se cotidiana em nossas vidas. O estudo do Islamismo se faz necessário para podermos entender e respeitar o outro, por tratar de uma cultura que difere da nossa, portanto é de fundamental importância sua análise para até mesmo criticar, mas com conhecimento, não fazer a crítica tendo como parâmetro somente o senso comum difundido pela mídia, mas sim por meio de interpretações próprias, pela busca de informações diversas.

Busco abordar uma visão diferente, daquela veiculada na mídia, onde temos um ponto de vista único, tendencioso e ocidentalizado. Como nos diz Edward Said em sua obra “Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente”, onde se tem à criação do termo orientalismo, que seria a construção de uma interpretação do Oriente baseada na visão de autores ocidentais, não levando em conta a singularidade dos povos, suas diferenças culturais, sendo que muitas das vezes nem sequer chegavam a ter o contato

com Oriente de maneira direta, mas sim por meio de autores ocidentais que escrevem sobre o Oriente, dividindo estes dois povos, temos então de um lado o Ocidente (nós) desenvolvido, democrático, e responsável por levar o conhecimento aos outros, e do outro lado temos o Oriente (eles) subdesenvolvidos, exóticos, que pedem pela intervenção Ocidental para se desenvolverem. Pretendo abranger questões que escapam do conhecimento da grande maioria, tentando desfazer a idéia de senso comum produzida pela mídia.

Somente com o início deste trabalho consegui notar que também possuía na característica do meu pensamento a questão do Orientalismo citado acima, pois quando pensei no tema logo imaginei que não haveria dificuldades para as entrevistas com os praticantes do Islamismo, porque sabia do grande número de sírio-libaneses e descendentes que residiam em Uberlândia. Eis que a armadilha se fez clara para mim, porque observei que o pensamento ocidental está inerente a mim, por pensar que apenas pelo fato de serem sírio-libaneses praticariam o Islamismo, fazendo assim uma generalização grotesca, mas que felizmente agora posso corrigir.

A principal falha da visão Ocidental é essa homogeneização dos povos do Oriente, contando somente as histórias que lhes interessam, não levam em conta as particularidades e a riqueza dessa cultura, preferem tratá-la como inferior, não reconhecendo a importância e a sua grandeza, e a própria influência que esta tem no mundo ocidental, ao falarmos de Oriente nos lembramos somente da questão religiosa, reduzindo assim o nosso conhecimento ignorando fatos históricos importantes, como por exemplo, a expansão do Oriente para o Ocidente quando teve seus limites territoriais atingindo a Península Ibérica tornando-se um grande império.

Onze de setembro é com certeza um marco na nossa história, e este acontecimento ainda constitui-se em uma incógnita, pois, atingiu à maior nação do mundo (levando em consideração como critério o fator político-econômico). Porém os culpados ainda não foram presos, punidos, mas quem são os culpados por esse dia de terror na história americana? Portanto, a partir deste momento o Islamismo começou a ser tratado com uma frequência bem maior, porque o principal acusado da realização dos ataques foi Osama Bin Laden, conhecidamente praticante do Islamismo, porém detentor de uma interpretação mais radical, e que anos antes tinha sido aliado dos EUA na guerra entre a URSS e o Afeganistão.

Para colaborar nas interpretações do Oriente as fontes escritas são de suma importância, dentre as que tive contato gostaria nesse momento de citar algumas obras

que foram de grande valia para a fomentação de uma interpretação mais crítica. Primeiramente, cito o livro de Márcio Scalercio “Oriente Médio: Uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver”. Sendo que nesta obra o autor nos apresenta a história recente do Oriente Médio, demonstrando a formação do Estado de Israel, criado em 1948 pela ONU com o aval das potências da época EUA e URSS, discutindo toda a instabilidade que esse novo estado gera naquela região, descrevendo os inúmeros conflitos posteriores entre árabes e israelenses, assim como a influência e participação dos países do Ocidente.

Outro autor que foi de extrema serventia na realização desse trabalho foi Edward W. Said nascido em 1935, em Jerusalém. Foi educado no Cairo e em Nova York, é estudioso da cultura oriental. Defensor da causa palestina foi, durante anos, confidente de Yasser Arafat. Suas obras são ricas pelo fato dele fazer parte desses dois mundos tão diferentes Oriental e o Ocidental. No seu livro “Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente”, a vontade do Ocidente de conhecer e compreender uma civilização diferente resultou no surgimento e na consolidação de uma visão hegemônica do Oriente enquanto unidade geográfica e cultural. Neste ensaio, Edward Said mostra como essa representação dos povos orientais foi essencial à própria definição da identidade ocidental e à legitimação dos interesses das nações colonialistas.

A obra “Cultura e Imperialismo” é considerada pelo próprio autor como uma ampliação da argumentação do livro Orientalismo, sendo que Edward Said examina as maneiras pelas quais os pressupostos imperialistas influenciaram e continuam influenciando a política e a cultura ocidentais. A compreensão dessa “estrutura de atitudes e referências” imperial e das reações a ela no processo de descolonização é o caminho privilegiado para se descortinar uma perspectiva esperançosa: a coexistência harmoniosa entre o Ocidente e suas antigas dependências coloniais, algo que só será realidade quando alcançarmos uma compreensão histórica de que todas as culturas são, inevitavelmente, interdependentes.

Em “Confronto de Fundamentalismos: Cruzadas, Jihads e Modernidade”, o paquistanês Tariq Ali que estudou em Oxford analisa as conseqüências dos ataques a Nova York e ao Pentágono. Disserta sobre o choque entre o islamismo e o imperialismo norte-americano e lista as representações do fato histórico que definiu o início do século XXI. Mostrando-nos como este encontro entre Oriente e Ocidente trata-se de um choque de fundamentalismos: o religioso versus o imperial respectivamente. Assim, por conta de sua riqueza e poder - sem contar as discrepâncias da atual política externa

americana, que isola cada vez mais os países islâmicos em prol de questões israelenses, os Estados Unidos sempre serão alvo de retaliações. Tariq Ali explora, ainda, as raízes do Islã, seus mitos de fundação, suas origens, sua história, sua cultura, sua riqueza, suas diferenças.

Para finalizar gostaria de salientar a obra de Noam Chomsky “11 de setembro”, que é constituída de um conjunto de entrevistas dadas por Chomsky a diversos jornalistas do mundo inteiro, tendo como tema principal os acontecimentos de 11 de setembro, discutindo amplamente as causas e repercussões dos mesmos, trazendo a tona uma gama de informações muito útil para qualquer um que queria entender melhor o que pode ter motivado tais atos.

Para inspirar a análise da questão do preconceito e da visão do outro construída pela sociedade americana, trabalho com O filme 12 Homens e Uma Sentença, que se torna uma grande ferramenta, com história e roteiro de Reginald Rose, dirigido por Sidney Lumet e Produzido por Henry Fonda e Reginaldo Rose, trata-se de um julgamento de um garoto porto-riquenho, que é acusado de matar o próprio pai. O filme praticamente inteiro se passa em uma única locação, uma sala onde os participantes do júri se reúnem para tomar a decisão se o rapaz é inocente ou culpado. Dentre os integrantes do júri onze estão convencidos pelos argumentos da acusação que o réu é culpado, porém um acredita na inocência do jovem, e como a decisão tem que ser unânime por se tratar de uma condenação a pena de morte, então dentro desse cenário se desenvolve a trama onde ocorrem grandes debates e um diálogo com as fontes apresentadas no decorrer do julgamento.

Primeiramente é importante ressaltar que os onze componentes do júri chegaram a sala de reunião com a sua decisão tomada, muitos já estavam preocupados com outras coisas como ir jantar com a mulher, o jogo de beisebol, a temperatura que estava insuportavelmente elevada, ou seja, já estavam convencidos por completo da culpa do jovem, tanto que queriam acabar logo com aquilo para continuar as suas vidas em paz. Mas para a infelicidade dos outros, um jurado não estava convencido da culpa do adolescente, e propôs que discutissem para então tomarem uma decisão, já que essa decisão implicaria na morte ou na vida de uma pessoa, porém ele mesmo não estava convencido da inocência do rapaz, por isso queria debater para poder dar a sua palavra final. Os outros integrantes ficaram indignados por ter já a sua decisão tomada e pede que ele apresente o seu ponto de vista para justificar a inocência do réu. Então ele diz: “Tudo se Encaixa tão bem que comecei a estranhar. Queria perguntar várias coisas.

Talvez não mudasse nada. Comecei a achar que a Defesa não confrontou as provas de forma efetiva. Deixou muitas coisas passarem. Coisinhas”.

Então ele num primeiro momento muda o foco, passa a olhar para o réu, um jovem que perdeu a sua mãe ainda criança, apanhava com frequência do pai, possuía antecedentes criminais leves, grande habilidade com facas e que viveu em orfanato, temos aqui uma mudança interessante onde deixamos de analisar os fatos a partir do olhar das testemunhas de acusação e partimos para análise do sujeito, que tem uma experiência de vida, tem a sua singularidade, sofre preconceitos por ser um porto-riquenho nos Estados Unidos, um dos jurados diz: “Crianças vindas da miséria são uma ameaça à sociedade” e a partir desse momento faz-se uma outra leitura dos fatos até então consumados como verdadeiros.

O primeiro argumento dos outros, seria o de o jovem possuir uma faca usada no crime e que esta faca seria única, portanto ninguém mais poderia ter uma semelhante, porém o defensor do jovem saca do bolso uma faca idêntica à usada no crime, todos ficam abismados, no entanto não se convencem da inocência do rapaz. O que é interessante neste momento para nós é que se começa a ser feito um diálogo com as fontes.

O segundo ponto discutido entre os participantes do júri foi o fato de um velho que morava no andar de baixo, ter escutado uma discussão entre pai e filho, sendo que o filho dizia que mataria o pai, logo após ouviu o barulho do corpo caindo no chão, portanto o velho foi capaz de reconhecer a voz do jovem e escutar o barulho do corpo caindo no chão, porém o apartamento que morava ficava ao lado de uma linha de trem, e no momento que ocorreu o assassinato, uma outra testemunha que afirma ter visto o rapaz esfaquear o pai, viu a cena através dos vagões do trem que passava naquele momento, como pode ser possível uma pessoa escutar alguma coisa, quando o trem passava fazendo um barulho ensurdecedor. Um por um vão se convencendo da inocência do jovem e notando as incoerências existentes nos depoimentos.

Terceiro ponto, o rapaz foi preso depois de ter matado o pai, e o mesmo dizia que estava no cinema no momento do crime, os jurados que o acusavam diziam que ele havia voltado em casa para apanhar a faca que estava cravada no peito do pai, por estar em pânico fugiu e somente depois de algum tempo notou que a faca não estava com ele, porém os outros jurados contradizem esse ponto de vista definindo, o que seria o pânico? Como uma pessoa que tem a capacidade de apagar as suas digitais na faca, entraria em pânico a ponto de esquecer a faca cravada no peito de sua vítima, um dos

jurados que julgam o réu culpado diz: “Só falam dos detalhes e esquecem o que é importante”.

Outros diversos pontos são abordados, mas o que vejo como importante são algumas falas dos personagens que demonstram o extremo preconceito que temos ao lidarmos com algo diferente da nossa realidade, o preconceito que carregamos quando analisamos as fontes, é de suma importância a eliminação desses preconceitos, um dos personagens diz quando o julgamento encontra-se em 9 inocente contra 3 culpado: “Esses pequenos detalhes não significam nada. A vida humana não significa o mesmo para eles. Eles só vivem enchendo a cara e brigando. Se alguém morrer, morreu! Não ligam. Claro que possuem coisas boas. Sou o primeiro a reconhecer. Conheci um casal que era bom, mas é exceção. Entendem?”, porém um dos personagens tem uma fala que temos que levar muito em conta também, ele diz: “É sempre difícil deixar os preconceitos fora de uma questão dessas. Não importa para que lado vá o preconceito sempre obscurece a verdade”.

Enfim o filme fala do preconceito existente nas sociedades com relação aos outros, e também a importância do diálogo com a fonte, pois a sua fonte contará o que você quer saber sobre ela, portanto devemos analisar as fontes com extrema cautela, para não cometermos erros devidos a nossos preconceitos. Isso no filme fica claro quando a disputa está 11 votos para inocente e 1 voto para culpado, onde este remanescente que insiste na culpa do réu mesmo depois de a discussão apontar o contrário, demonstra a força dos preconceitos, porque esse só muda seu voto quando percebe que não considera o jovem inocente por fazer uma relação com o seu filho, que não vê já faz dois anos, por motivo de uma briga entre ambos.

O Islamismo passou a fazer parte do noticiário cotidianamente, a mídia em geral (jornais, televisão, revistas, Internet, etc.), começaram a abordar este tema de maneira exaustiva e repetitiva, contribuindo para a formação do senso comum. Esse senso comum é um dos pontos que pretendo observar no decorrer do meu estudo, quero escutar o outro lado da história, que obtém informações de fontes diferentes, quero dar espaço a visão que não é colocada na mídia manipulada, utilizando para isso o trabalho com fontes orais. Além de toda essa questão na esfera política e social, acho importante o estudo do islamismo, por se tratar da segunda religião em número de praticantes no mundo, ficando atrás apenas do Cristianismo. No qual produziarei minhas interpretações, tanto no campo político, religioso e social, onde tentarei analisar por meio de entrevistas o cotidiano de praticantes em nossa sociedade, ramificando assim o Islamismo, não

caracterizando como algo negativo, pois é somente este ponto de vista que aparece nos meios de comunicação.

Para fugir desta visão ocidentalizada, busco por meio desse trabalho, ouvir e buscar a questão, a partir de sujeitos que convivem com ela no seu dia-a-dia, que tem acesso a informações que a maioria não possui, porque hoje com o advento da globalização as fronteiras do mundo foram encurtadas e se tem o acesso a inúmeros tipos de informações basta que se tenha o interesse de buscá-las. A Internet possibilita o contato imediato com pessoas que se encontram a milhares de quilômetros de distância, e isto para os que não vivem em sua terra natal constitui uma maneira antes inexistente de manter o contato com a sua cultura e seu povo. Outro fator tecnológico que possibilitou um ganho para essas pessoas que vivem em terras estrangeiras e a televisão que ao mesmo tempo em que nos fornece programação padronizada e manipulada, por outro lado dispõe de uma gama de canais internacionais enorme pondo a disposição de inúmeros estrangeiros o contato com a cultura nacional, no caso dos meus entrevistados estes possuem em suas casas canais árabes, como por exemplo, a rede Al-Jazeera.

Constatar como as pessoas praticantes do Islamismo, mantêm suas práticas, suas tradições, suas crenças, etc., estando em um lugar que não é sua terra natal, observar qual é a relação com essa cultura totalmente diferente da sua, as perdas os ganhos que isso acarreta, interpretar como os praticantes do Islamismo em Uberlândia vêem esse choque entre Ocidente e Oriente, sendo eles indivíduos do Oriente vivendo no Ocidente.

Estes são pontos que serão discutidos, pretendo conhecer as riquezas do Islamismo, a partir de sujeitos que o praticam independentemente do lugar onde estes estejam, procurar conhecer as tradições, as crenças, as práticas desses sujeitos, para poder produzir uma interpretação do tema criteriosa. Como citado anteriormente pretendo desenvolver meu trabalho, por meio de entrevistas e também pesquisa em jornais da cidade de Uberlândia, tive a oportunidade de iniciar esse projeto, pesquisando no Jornal Correio da cidade de Uberlândia.

Nos jornais, as notícias sobre o 11 de setembro, carregam a questão do senso comum, havendo uma repetição daquilo que era veiculado no restante da mídia. Grande parte das notícias eram na área econômica, a respeito da especulação da variação do dólar, questões de exportação e importação também apareciam, no lado político falava-se de como os Estados Unidos a partir do atentado muda sua postura, tornando-se um país arredio a turistas, devido as excessivas medidas de segurança, a busca pelos culpados é outro fato importante, com isso vem à questão do revide, de demonstrar que

ninguém ficaria impune, ninguém tem o direito de ameaçar a democracia e a liberdade americana, dizendo-se no direito de invadir um país se se julgar necessário.

Analisei também dois colunistas da época Ivan Santos e Luiz Fernando Quirino, o ultimo possuía uma linha conservadora tratava a questão de forma branda, não tecendo grandes criticas a nenhum dos lados. Porém Ivan Santos demonstrava o seu ponto de vista claramente ele condena o terrorismo, pois atinge pessoas inocentes, mas também nos diz :

“O imperialismo econômico imposto pelo neoliberalismo e respaldado pela política da globalização assistida pelas barreiras alfandegárias criadas pelos fortes contra os fracos e respaldadas por organizações internacionais de comércio, não pode continuar com a feição atual. Os Estados Unidos e seus aliados precisam entender que não haverá paz no mundo enquanto as barreiras econômicas dividirem os países fortes e os emergentes. Nessa luta não há tecnologia avançada que sirva para impor hegemonia aqui, acolá ou além. Na guerra desencadeada pelo terror não há armas convencionais é o fato surpresa é que faz a diferença. Contra esse tipo de ação não há sanções econômicas que produzem efeitos senão a injustiça social e a crueldade”.¹

Trata-se de uma fonte interessante, porque apresenta uma visão de pontos não abordados na grande mídia.

Por meio das entrevistas com um praticante do Islamismo que mora em Uberlândia, pude ter o contato com um ponto de vista totalmente diferente do que até então tinha me deparado. No nosso primeiro encontro não levei o gravador, tivemos apenas uma conversa informal, porém desde deste momento notei que se tratava de uma pessoa que possuía bastante conhecimento, mas o que mais me atraía era a questão de estar ouvindo o outro lado, e o que realmente importa, estava ouvindo um sujeito que enfrenta as questões do meu tema no seu dia-a-dia, então esse primeiro contato foi muito proveitoso.

No segundo encontro fui munido de um gravador, no começo o entrevistado se mostrou relutante com a utilização deste artifício, portanto após explicar que aquilo era necessário para que não ocorresse um dano na posterior análise da fonte, ele concordou, o que me deixou demasiado entusiasmado, foi que durante a entrevista o entrevistado mencionou que o trabalho que eu estava desenvolvendo é de extrema importância, pois estou ouvindo o outro lado, o sujeito que vive a questão no dia-a-dia.

Na entrevista me disse que as pessoas chegam até ele sempre com um ponto de vista formado, seguindo o senso comum difundido pela mídia, e que aquela situação que

¹ SANTOS,Ivan. Jornal Correio de Uberlândia. 14/09/01.

ele estava passando era inédita para ele, porque geralmente as pessoas o abordam com conceitos formados, e não estão dispostas a ouvir o outro lado, portanto o entrevistado deu grande valor ao meu trabalho, por estar dando a oportunidade dessas pessoas manifestarem-se.

Além de buscar uma visão não ocidentalizada, e ouvir outros sujeitos. Procuro entender, a partir desse contato com o entrevistado como ele se relaciona com a sociedade, no caso em que essa não é sua terra natal, observar como os indivíduos mantêm suas tradições, suas crenças, suas práticas, e quais alterações às mesmas sofrem distante da sua sociedade provedora. Analisar como esse indivíduo interpreta a sociedade em que se encontra, e como interpreta a sua própria sociedade anterior, à qual tem contato por meio de familiares e pessoas, que ainda permanecem em sua terra de origem. Pretendo a partir do meu contato com os imigrantes praticantes do islamismo, identificar e dialogar com eles, visando à análise e interpretação de sua situação na sociedade de Uberlândia tentarei fazer uma ligação entre suas vidas na terra natal, e sua vida em Uberlândia, como eles se comportam diante desta sociedade diferente da sua, com hábitos, crenças e tradições tão distintas com relação a sua nação provedora.

Outro ponto que busco interpretar é como se dá à prática religiosa islâmica nas comunidades distantes da terra natal, procurando saber se o número de praticantes é elevado ou não, se não porque isso acontece, e se sim como são estas práticas, existe um lugar definido para suas reuniões, há um templo islâmico em Uberlândia? Como também pretendo analisar como os praticantes assimilaram às várias interpretações sobre o 11 de setembro e as vinculações com o islamismo, procurando dar voz a quem não teve. Como sabemos hoje a informação é bastante acessível (TV, jornais, revistas, Internet, etc.), portanto, conhecer as informações que eles tem acesso, e como se relacionam com as notícias dos meios de comunicação ocidentalizados? Como na visão deles essa mídia colabora para uma interpretação do islamismo? Enfim creio ser um trabalho interessante de se fazer, porque se livrar do senso comum nem sempre é uma tarefa fácil, mas que estou disposto a tentar realizar.

Para tanto dividi o trabalho em dois capítulos, sendo que no primeiro capítulo discuto a questão dos acontecimentos de 11 de setembro nos Estados Unidos, e como a mídia ocidental trabalhou este assunto, fiz também a análise do filme Fahrenheit 11 de Setembro. No segundo capítulo apresentei uma visão diferente do islamismo se compararmos aquela veiculada pelos meios de comunicação ocidentais, também abordei

a prática do islamismo em Uberlândia, para realizar tal constatação foram feitas inúmeras entrevistas com um praticante de islamismo.

Capítulo I

Imprensa e terror: a construção do “outro”

Começar esse trabalho sem falar dos acontecimentos de 11 de setembro seria um grande erro, porque foram justamente estes fatos que iniciaram meu interesse pelo assunto que será discutido neste presente texto. Lembro-me como se você hoje desse dia que com certeza entrou para a história mundial, como um marco, pois foi a primeira vez que uma nação ocidental sofreu tal golpe dentro do seu próprio território. Mas voltando ao exato dia dos acontecimentos, 11 de setembro, estava na escola, cursava o 3º colegial, e sempre tive como costume apagar o quadro para o professor de química, pelo qual tinha grande respeito e amizade, e depois da tarefa feita ia ao banheiro para limpar as mãos, e nesse dia não foi diferente, porém ao caminho do sanitário encontrei a coordenadora da escola que me perguntou: “Você viu o que aconteceu lá nos Estados Unidos?” e logo respondi que não, até porque estava em sala de aula, então ela continuou: “Atacaram as duas torres gêmeas em Nova York, dois aviões bateram um em cada torre.”, De imediato não acreditei, aquela notícia parecia impossível, inimaginável, logo pensei que não havia assistido isso nem em filme. Retornando a sala espalhei a notícia, e a reação da turma foi a mesma da minha no primeiro momento, ninguém acreditou, nem eu mesmo estava convicto que aquilo era verdade, mas mesmo assim transmite a informação que tinha recebido. Felizmente a aula acabou logo, e no caminho de casa vim pensando, será que era verdade realmente, cheguei em casa e a primeira coisa que fiz foi correr para a sala e ligar a televisão, praticamente todos os canais com a mesma imagem, dois enormes prédios em chamas, é realmente aconteceu não era mentira, mas mesmo assistindo ainda parecia pouco provável de acreditar, porém estava ali em vários canais não tinha como duvidar. Como já havia rumores que se tratava de um ataque terrorista, pensei comigo mesmo, nossa senhora quem fez isso é um cara muito inteligente, e também muito corajoso, e logo comecei meus devaneios de como alguém conseguira planejar e atacar daquela maneira os Estados Unidos.

Mas não foram os estudos dos acontecimentos de 11 de setembro que me levaram a produção deste trabalho, mas sim como a partir de então a imprensa começou a veicular o assunto, até este momento não tinha conhecimento das obras de Edward Said, porém mesmo assim ficava intrigado com as informações que eram passadas pelos

meios de comunicação ocidentais, como televisão, Internet, jornais e revistas. Geralmente a imprensa tem responsabilidade pelos fatos que acontecem ao redor do mundo, pois com suas notícias tendenciosa e as omissões de fatos proporcionam interpretações equivocadas, muitas das vezes são noticiados fatos para construir uma verdade desejada, porém esquecesse que aquilo que selecionasse para transmitir é considerado para muitos como a verdade, então os meios de comunicação devem prestar bastante atenção nas verdades que estão construindo.

A imprensa ocidental é cúmplice na fomentação de verdades que atendam a interesses restritos, como aconteceu no caso dos acontecimentos de 11 de setembro quando a imprensa americana de maneira geral não manifestava a opinião da maioria da população americana que apelava para uma solução pacífica, pois temiam que uma resposta carregada de violência somente iria gerar mais violência, porém visando atender as pretensões do governo fez-se uma intensa campanha pela guerra, sendo que poucos meios de comunicação propagavam a idéia de uma solução pacífica. Sabemos o qual importante os meios de comunicação são nos momentos de guerra, sendo que a primeira e a segunda Guerra Mundial nos dão o exemplo que a manipulação da imprensa é muito útil na obtenção de certos interesses. Esta postura dos meios de comunicação contribui para o desenvolvimento de preconceitos e para o fortalecimento dos já existentes: “... A considerar a imprensa espaço articulador de projetos políticos e formador de opinião, e também que desnudar sua pretensa universalidade passa por decifrar o jogo de linguagem por meio do qual produz memória”.²

Outro fator que compromete bastante a imprensa é o de não contextualizar historicamente os fatos jogando certos acontecimentos no ar, sem dar as devidas informações sobre os possíveis antecedentes históricos que geraram aquela situação, isto também somente ocorre quando necessário para defender seus interesses. Portanto os meios de comunicação tem papel fundamental na disseminação de um determinado ponto de vista, e este é um grande equívoco, pois sempre deveríamos prezar pela boa informação sem que essa siga determinado interesse, felizmente hoje com os avanços tecnológicos temos a possibilidade de ter o contato com um universo infinito de informações que necessitam serem analisadas criteriosamente para se ter um bom proveito das inúmeras fontes existentes.

² Vários Autores. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo, Olhos d'água, 2004.

Um exemplo dessa disponibilidade de informações é o canal de televisão Árabe Al-Jazeera que diferentemente dos canais ocidentais, transmite a opinião do povo árabe, assim como os acontecimentos que demonstram o cotidiano dos árabes, fatos que são deixados de lado pela imprensa ocidental, sendo que com relação aos acontecimentos de 11 de setembro o governo americano solicitou ao governo do Qatar que intervisse no canal pedindo para que moderassem sua cobertura com relação aos acontecimentos. Dentre as principais atrações do canal estava a veiculação de fitas gravadas por Osama Bin Laden, assim como os abusos envolvendo as ditaduras da região do Oriente Médio.

A imprensa em Uberlândia não tem postura diferente dos meios de comunicação ocidental, até mesmo porque faz parte da mesma, mas esta referência baseasse na análise do jornal Correio de Uberlândia, no período de 12 de setembro de 2001 até 30 de setembro de 2001. As notícias nesse período seguiram os padrões esperados, uma visão ocidental e a ausência do contexto histórico, as informações trazidas no jornal falava além é claro do “atentado de 11 de setembro” (sendo que este termo refere-se ao utilizado no jornal), e de questões principalmente sobre a área econômica que relatava a alta do dólar devido aos “ataques terroristas” (novamente me refiro a termo usado no jornal), como eles influenciariam nas importações e exportações, o turismo foi outro assunto tratado, porque estava acontecendo uma diminuição dos números de vôos para os Estados Unidos por causa da alta do dólar, mas principalmente pela dificuldade de entrada no país após o 11 de setembro. Dentre os colunistas analisei Luiz Fernando Quirino e Ivan Santos, sendo que Luiz Fernando Quirino segue por uma linha mais parecida com a do jornal Correio de Uberlândia, demonstrando um conservadorismo e uma visão ocidental quando diz com relação aos ataques de 11 de setembro: “...ninguém está livre de sofrer um ataque de mesmas proporções já que a maior potência do mundo sofreu...”. Por outro lado Ivan Santos tem um discurso mais crítico, pois apresenta de certa maneira a visão dos dois lados envolvidos nos acontecimentos de 11 de setembro, uma demonstração clara de apontamento do outro lado que não observamos em Luiz Fernando Quirino é quando Ivan Santos nos diz: “Bin Laden é a criatura que se impôs contra o criador”. Também faz uma relação dos ataques com o Pearl Harbor equivocada no meu ponto de vista, mas esta é uma questão que abordaremos um pouco adiante.

Estas notícias ao qual tive contato despertaram meu interesse por ouvir o outro lado, pois a mídia em sua grande maioria abordava a questão de maneira generalizada, colocando as informações somente sobre um ponto de vista, assim como distorcendo as coisas com relação ao Islamismo, que era tratado como sinônimo de terrorismo, pois os

suspeitos de terem atacado Nova York eram praticantes do islamismo, porém radicais, então a partir desse momento me interessei pelo conhecimento do islamismo, para saber se realmente ele era somente aquilo que a mídia documentava.

Voltando aos acontecimentos de 11 de setembro, não sou a favor da perda de vidas inocentes por qualquer motivo, mas neste caso os Estados Unidos somente colheram aquilo que plantaram, pois com sua política em todo mundo, cometem equívocos que são esquecidos por nós ocidentais, que somos meras marionetes nas mãos dos Estados Unidos, porém quem sofre com os seus abusos não os apagam da memória, e uma reação realmente foi pouco imaginado, mas aconteceu, isto prova que a atitude norte-americana que por vezes se coloca acima da lei, não está impune as possíveis conseqüências que essa postura pode acarretar.

Mais do que nunca o 11 de setembro comprova isso, pois Osama Bin Laden apontando como principal acusado dos “ataques” foi em anos anteriores aliado dos Estados Unidos, na guerra entre Afeganistão e URSS, naquele momento Bin Laden atendia aos interesses americanos, tanto que os Estados Unidos financiaram a vitória do Afeganistão diante da URSS, fortalecendo o grupo comandado por Bin Laden. Este é apenas um dos exemplos da presença dos Estados Unidos no Oriente Médio, a principal e mais criticada, porém e o apoio norte-americano a Israel desde a sua criação até os dias de hoje. Assim como fez com o grupo de Osama Bin Laden, em Israel os Estados Unidos forneceram grande aparato bélico, além de apoio político, para muitos Israel é visto como um pedaço dos Estados Unidos no Oriente, gerando inúmeros conflitos naquela região. Incluindo uma nova onda de violência após os acontecimentos de 11 de setembro, porém as notícias das atrocidades cometidas por Israel ao povo palestino não chegam ao conhecimento da maioria, que continua tendo a visão de que Israel é a grande vítima no Oriente Médio, pois é este tipo de informação que a mídia brasileira transmite aos seus telespectadores, que por muitas vezes por falta de interesse ou até mesmo de senso-crítico, não buscam outras fontes de informação, constrói-se assim uma realidade que não é verdadeira.

Outro parceiro americano no Oriente Médio é a Arábia Saudita que é responsável por enormes investimentos em território norte-americano, gozando também de apoio político para a manutenção do seu governo autoritário, pois enquanto os donos de poços de petróleo, esbanjam suas riquezas em seus palácios magníficos, a grande maioria da população sofre com a miséria e a fome. Um fator que agrava ainda mais a questão da presença americana na Arábia Saudita é a existência de cidades sagradas do

Islã em seu território. Essa presença americana em territórios orientais não é bem vista pelos países que não formam o seu time de aliados, sendo esta vítima de uma crescente onda de repúdio, por causa desta intervenção norte-americana, que para muitos tem como principal objetivo o não crescimento do Oriente Médio como relatado na entrevista:

“os Estados Unidos a maior nação do mundo e que hoje praticamente domina, porque isso é uma realidade a gente não pode fugir disso, nós consumimos produtos norte-americanos nos somos obrigados a falar inglês, hoje nós somos obrigados a falar inglês somos submetidos a qualquer situação norte-americana e pronto nós somos objetos norte-americanos, você acha que os Estados Unidos não tem o poder de acabar com o conflito ali no Oriente Médio, com certeza tem só que é interessante para eles que haja paz naqueles países não, porque para ela quanto mais atrasar o mundo árabe melhor, porque eles sabem que se o mundo árabe evoluir, aí já não é eles que vão fazer o papel de poderosos do mundo, então para eles é sempre interessante uma instabilidade no Oriente Médio”.³

Com certeza os acontecimentos de 11 de setembro podem ser tratados como algo nunca antes visto, pois envolveu uma potência como os Estados Unidos que até então não havia sofrido um revés dessa amplitude em seu próprio território, contrariando a lógica que até então vigorava, onde os países desenvolvidos atacavam os seus inimigos em seus territórios, neste ponto Noam Chomsky em uma entrevista nos dá um ponto de vista interessante que acho importante salientar:

“Para os Estados Unidos, é a primeira vez desde a Guerra de 1812, que o território nacional sofre um ataque, ou mesmo é ameaçado. Muitos comentaristas tentaram fazer uma analogia com Pearl Harbor, mas se trata de um equívoco. Em 7 de dezembro de 1941, as bases militares em duas colônias americanas foram atacadas – e não o território nacional, que jamais chegou a ser ameaçado. Os Estados Unidos preferiam chamar o Havaí de “território”, mas de fato era uma colônia. Durante os últimos séculos, os Estados Unidos exterminaram as populações indígenas (milhões de pessoas), conquistaram metade do México (na verdade, territórios indígenas, mas isso é outra questão), intervieram com violência nas regiões vizinhas, conquistaram o Havaí e as Filipinas (matando centenas de milhares de filipinos) e, nos últimos cinquenta anos, particularmente, valeram-se da força para impor-se a boa parte do mundo. O número de vítimas é colossal. Pela primeira vez, as armas voltaram-se contra nós. Foi uma mudança dramática”.⁴

Por este motivo não concordo com o ponto de vista do colunista Ivan Santos ao comparar os acontecimentos de 11 de setembro ao Pearl Harbor.

³ Entrevista realizada com S. A. H., no dia 7 de junho do ano de 2005.

⁴ CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. Tradução: Luiz Antonio Aguiar, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

A política norte-americana certamente é a principal responsável pelos acontecimentos de 11 de setembro, devido a sua extrema arrogância, em se considerar superior com relação a determinadas nações, assim como ter o direito de agir unilateralmente não respeitando as normas legais, tomando atitudes que levam um número incontável de pessoas a viverem em condições desumanas. Apoiando regimes autoritários, e massacres a inocentes se os seus interesses estiverem em jogo. O grande problema enfrentado pelos Estados Unidos se deve ao fato que:

“O contato imperial nunca consistiu na relação entre um ativo intruso ocidental contra um nativo não ocidental inerte ou passivo; sempre houve algum tipo de resistência ativa e, na maioria esmagadora dos casos, essa resistência acabou preponderando”.⁵

Ventilou-se na mídia ocidental que as causas dos acontecimentos de 11 de setembro são devidas a globalização, aos valores como liberdade e democracia, que o estilo de vida americano era invejado, essa explicação somente convinha ao ocidente, pois ao mesmo tempo em que eliminava inúmeros antecedentes históricos que poderiam justificar os acontecimentos de 11 de setembro, transformam os Estados Unidos na mais inocente das vítimas, defensor da paz e prosperidade mundial, que só apela para medidas violentas quando se vê ameaçado. Assim como considera como terrorismo os acontecimentos que se voltam contra nós ocidentais, porque as inúmeras atrocidades cometidas pelo Ocidente aos países do Oriente desde da época da colonização sofrem julgamento diferenciado.

Um exemplo de como a política americana atende somente aos seus interesses pode ser dado com relação aos acontecimentos de 11 de setembro, onde começando pela preocupação com a caracterização dos fatos ocorridos naquele dia, pois se considerassem os acontecimentos como um crime, teriam que tomar atitudes que levassem a comprovação de quem tinha cometido tais crimes para depois julgá-lo e condená-lo, isso demandaria uma intensa investigação e o compromisso com a lei, e como não se tinha o objetivo de terem a lei como empecilho decidiram classificar os acontecimentos simplesmente como “guerra ao terrorismo”.

Mas, no entanto se levarmos em consideração o termo terrorismo definido pelos próprios norte-americanos veremos que os Estados Unidos e seus aliados se encaixam perfeitamente nesta definição. Sendo que os EUA são o único país que já foi condenado por terrorismo internacional pela Corte Mundial e que vetou uma resolução do Conselho

⁵ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

de Segurança que exigia que eles respeitassem as leis internacionais. Esta indicação se deve ao episódio de ataque da Nicarágua, onde os EUA atacaram com extrema violência, deixando um número absurdo de mortos, e além dos ataques promoveram sanções econômicas que contribuíram para afundar a Nicarágua em um buraco que até hoje se encontra, e apesar de sofrer com as investidas norte-americanas a Nicarágua não respondeu ao ataque com violência, procurou às medidas legais, porém as imposições não se aplicam aos Estados Unidos que continuaram seu ataque sem que posteriormente sofressem qualquer tipo de sanção. Outro exemplo que pode confundir a nossa cabeça com relação à definição sobre terrorismo diz respeito a um momento onde estava ocorrendo o confronto entre EUA versus URSS, naquele momento existia o termo “Guerra Contra o Terror” que naquele caso o terror era representado pelo comunismo, portanto fica claro que a melhor definição para terrorismo seria aquela que diria, todos aqueles que são contra “nós”.

Assim como a caracterização dos dominados seguindo as idéias paternalistas do imperialismo perpetuadas no romance de Conrad, Nostromo que diz:

*“Nós ocidentais, decidiremos quem é um bom ou mau nativo, porque todos os nativos possuem existência suficiente em virtude de nosso reconhecimento. Nós os criamos, nós os ensinamos a falar e a pensar, e quando se revoltam eles simplesmente confirmam nossas idéias a respeito deles, como crianças tolas, enganadas por alguns de seus senhores ocidentais”.*⁶

É justamente essa postura que todos esperavam dos Estados Unidos, que buscassem as formas legais para a resolução dos acontecimentos de 11 de setembro, porque diferentemente da Nicarágua que não possui nenhum poder de influência perante os Conselhos Mundiais, quem ousaria ir contra uma solicitação norte-americana, portanto poderia optar pela solução baseada na lei, mas a lei as vezes não atendem as vontades dos americanos e ela foi deixada de lado. Uma resposta imediata e vigorosa aos acontecimentos de 11 de setembro era tudo o que Osama Bin Laden e seu grupo queriam, pois com uma resposta violenta que produzisse um número enorme de vítimas inocentes, facilitaria a tarefa de Bin Laden na obtenção de novos adeptos às suas crenças, fortalecendo ainda mais o seu grupo na luta contra os infiéis. Porque este era o objetivo de Bin Laden uma luta contra os infiéis e seus aliados. O que movia os grupos

⁶ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

de Osama Bin Laden não era a revolta contra um ocidente desenvolvido e seus valores, mas sim a Guerra Santa contra os inimigos do Islã, os infiéis.

Os Estados Unidos já foram vítimas de acontecimentos semelhantes ao 11 de setembro, digo isso no caráter de serem considerados ataques terroristas pela mídia ocidental, quando em Oklahoma explodiu-se um edifício federal, o mais rápido impulso foi apontar que aqueles acontecimentos provinham do Oriente Médio, e logo medidas seriam tomadas como respostas, se não tivesse descoberto que aqueles eram ataques que tinham origem interna, de organizações localizadas em Montana e Idaho, ao invés da utilização da violência como resposta, neste caso tivemos a investigação e prisão dos acusados de cometer tal ato. Este é mais um caso que deixa claro que as decisões são tomadas de acordo com a sua conveniência, pois aqui observou-se as leis enquanto que no caso da Nicarágua elas foram escandalosamente desrespeitadas.

Mas a Nicarágua não foi a única vítima americana, que também praticou atos que segundo as definições norte-americanas são característicos de ataques terroristas, como exemplo dessa postura temos o ataque feito a uma mesquita em Beirute no Líbano com um caminhão repleto de bombas programado para explodir em uma hora estratégica, sendo que a mesquita contava com inúmeros fieis em seu interior, dentre estes estava um sacerdote muçulmano que era quem eles queriam atingir, porém não conseguiram, mas infelizmente tivemos 80 vítimas fatais nesse atentado.

Outra ação norte-americana que merece ser comentada é a destruição de uma fábrica de medicamentos de Al- Shifa, no Sudão, responsável pelo fornecimento de remédios a milhares de pessoas a um preço acessível, esta atitude foi ainda mais cruel, porque atacar um país como o Sudão que já tem inúmeros problemas internos, sofre com a miséria e as doenças que assolam sua população, não tem nenhuma explicação plausível, o número de vítimas é enorme, ainda mais se comparamos com as vítimas do World Trade Center, mas com uma diferença gritante, enquanto os acontecimentos de 11 de setembro não afetaram os Estados Unidos de outras maneiras, pois se trata da maior economia mundial, os acontecimentos em Al- Shifa causaram danos irreparáveis aquela população que carregava já uma carga de imenso sofrimento, e a destruição da fábrica de medicamentos prolongou esse sofrimento, assim como o número das mortes.

O filme Fahrenheit 11 de Setembro não poderia ser deixado de lado, pelo simples fato de se tratar de uma produção de um americano Michael Moore que tem as suas próprias interpretações sobre a sociedade americana, assim como de sua política, visão que não gostaria de deixar ausente neste trabalho. Portanto a partir de agora serão

discutidos aspectos relevantes do filme *Fahrenheit 11 de Setembro*, dirigido por Michael Moore que também produziu o roteiro, este é um documentário extremamente rico em detalhes, e que foi lançado antes das eleições para presidente não por acaso, como tentativa de conscientização da população americana.

Um primeiro ponto tratado no filme diz respeito a questão da manipulação da imprensa, nas eleições para presidente em 2000, onde a vitória de Al Gore era anunciada por grande parte das redes de televisão norte-americana, porém uma única rede que se trata da Fox anunciava justamente o oposto, ou seja, a vitória de Bush, coincidência ou não o primo de Bush era diretor nessa mesma rede, isto gerou uma mudança em todas as outras emissoras que como a Fox passaram a anunciar a vitória de Bush. Outra importante presença da TV que necessita ser salientada é quando esta por meio de propagandas e programas incentiva a guerra contra o inimigo que o próprio governo criara, produzindo um contexto de extrema alerta onde nada e ninguém está livre de sofrer um ataque terrorista ajudando a construir um intenso estado de terror e medo, que facilitou na alienação da população norte-americana, gerando a sensação de que não existe mais lugar seguro no território americano.

Aumentando em escala assustadora o preconceito aos orientais, como pode ser exemplificado na fala de uma mulher que nos diz: “Quando vejo certo tipo de pessoa, penso oh meu Deus será que pode ser um terrorista”⁷. A transmissão da guerra também se dava de maneira estratégica, não se mostrava a morte dos soldados, e nem as milhares de vítimas civis, somente as vitórias americanas eram veiculadas, assim como a impressionante capacidade bélica que as forças americanas detinham, sendo estas responsáveis pela esmagadora vitória americana perante os iraquianos.

Ainda com relação à eleição é necessário colocar também que os valores que tanto os governos americanos se vangloriam de ter foram extremamente desrespeitados, a liberdade e a democracia sofreram um duro golpe nas eleições de 2000, onde muitos dos cidadãos americanos foram privados do direito de votar pelo simples fato, que seus votos poderiam mudar o rumo já preestabelecido para a eleição, e estes cidadãos que tiveram seus direitos feridos eram em sua grande maioria afro-americanos, sendo que inúmeros representantes dirigiram-se ao Congresso para contestar as eleições em nomes de milhares de cidadãos que tiveram seus direitos retirados, porém não conseguiram nenhum sucesso, pois para se valer a vontade da maioria era necessário o apoio de pelo

⁷ *Fahrenheit 11 de Setembro*.

menos um senador, coisa que nenhum dos protestantes conseguiu, então temos a eleição definida não pelo povo, mas sim pelos senadores. Será que é este tipo de liberdade que os países ao qual os EUA deferiram ataques odeiam, como disse o próprio presidente George W. Bush em uma de suas entrevistas quando diz: "Ele e a Al Qaeda odeia que nos amemos a liberdade"⁸, em referência a Saddam Hussein.

As imagens dos acontecimentos de 11 de setembro mostrados no filme demonstram a incredulidade da população a aquilo que estavam presenciando, porém o mais inusitado foi quando Bush ao saber que o primeiro avião havia se chocado a uma das torres gêmeas decidiu continuar com a sua agenda que previa uma visita a uma escola no estado da Flórida, e quando recebeu a notícia do segundo choque de um avião a outra torre gêmea permaneceu sentado em uma sala de aula acompanhando a leitura feita por crianças, passou-se cerca de sete minutos até que alguma atitude fosse tomada. Creio que em lugares do mundo inteiro o estado era o mesmo, mas o que chama a atenção é o desespero e a tristeza das pessoas, porque isso não ocorre quando os EUA atacam e eliminam inúmeras vidas, pelo simples fato de ser o outro, pelo distanciamento que existe entre Oriente e Ocidente, as seções de barbárie são tão comuns naquela região que já nos acostumamos a elas, mas ao invés de culparmos os governos ocidentais, preferimos aderir a propaganda e ao discurso do mesmo, que aqueles são povos inferiores que necessitam da nossa ajuda, mesmo que esta por vezes gere a violência. Um único dia foi capaz de produzir todo esse sentimento de aversão ao Oriente, responsáveis levantados imediatamente pelos atentados, como podem esperar então outra posição que não a mesma com relação ao Ocidente por parte dos orientais, a final de contas são décadas de submissão à violência, como poderiam este não desenvolver o sentimento de repúdio ao Ocidente.

Esta aversão à presença americana pode ser notada quando iraquianos espancam um corpo já carbonizado de um soldado americano. Não podemos esquecer que além de tudo, os ataques ao Iraque infelizmente atingiram alvos civis, como os acontecimentos de 11 de setembro, por isso todo esse sentimento de ódio pela presença norte-americana. Logicamente o presidente Bush tinha consciência que essa resistência existiria pois em certo discurso declara: "Eles não gostam da ocupação, se você comigo também não gostaria"⁹, este sentimento de defesa pode ser percebido também pelos

⁸ Idem.

⁹ Fahrenheit 11 de Setembro.

soldados, sendo que um deles diz: "os americanos acharam que seria fácil entrar aqui e conquistar, mas não é nada fácil conquistar um país"¹⁰.

"Não podemos esquecer o velho ditado conquiste a mente e o coração do povo fazemos isso temos que trazer um ideal de democracia e liberdade para o país e mostrar que os americanos não querem governar o Iraque"¹¹, esta é uma declaração de um soldado americano, com certeza os americanos não querem governar o Iraque no sentido literal da palavra, porém desejam instaurar um governo que não façam perder todos os investimentos que os Estados Unidos fizeram para atingir seu objetivo que é o livre acesso ao petróleo iraquiano, mas vemos que isso já estava acontecendo porque os EUA eram os maiores parceiros das empresas de petróleo iraquiano e os soldados reclamam que os funcionários dessas companhias ganham mais do que eles.

A relação das famílias Bush e Bin Laden foi amplamente destacada no filme, incluindo a saída de cerca de 20 familiares de Bin Laden após os acontecimentos de 11 de setembro, assim como outros árabes, sendo que neste momento estava instalado o caos aéreo nos EUA e não decolavam nem pousavam aviões nos aeroportos, porém os sauditas detentores de grandes investimentos e ligações econômicas com a família Bush tiveram este privilégio, estimasse que o investimento saudita em favorecimento da família Bush e seus amigos nas últimas três décadas gira em torno de 1 bilhão e 400 milhões de dólares, fato curioso é que uns dos investimentos da família Bin Laden são em uma empresa de segurança, então a família Bin Laden lucra com a guerra, no entanto após os acontecimentos de 11 de setembro os investimentos nessa companhia tiveram que ser deixados de lado. Cerca de 7% dos EUA pertencem a investidores da Arábia Saudita. No dia 13 de setembro o embaixador saudita o príncipe Bandhar jantava com Bush na casa branca em Washington, sendo que estes possuíam grandes intimidades.

Para uma sociedade que preza tanto a liberdade, podemos citar exemplos que acrescentam os já comentado uns deles trata-se da infiltração de um membro da polícia contra o terrorismo que se infiltrou em uma agência pacifista, isto demonstra a que grau as atitudes pós 11 de setembro chegaram, a criação do Decreto Patriota foi outro duro golpe na liberdade norte-americana, pois permitia ao governo investigar fichas médicas, conversas telefônicas e pelo computador, e até mesmo fichas de biblioteca. A liberdade era algo que os americanos não desfrutavam mais, pois um simples comentário feito por

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

um homem em uma academia levou o FBI a sua casa, após seus colegas contarem o teor da conversa sendo que o homem diz: "O Bin Laden é um miserável, por ter matado tanta gente, e é verdade, mas ele nunca vai ser tão miserável quanto Bush que bombardeou o mundo de olho no petróleo"¹².

Neste momento gostaria de mencionar um dialogo que acontece entre três mulheres, sendo uma mãe de um soldado americano morto no Iraque, uma outra que estava protestando contra a politica norte-americana e por fim uma que passava na rua naquele momento, elas estavam perto da Casa Branca em Washington "Bush matou crianças iraquianas" diz a protestante, a mãe do soldado americano para e começa a conversar com a mulher : "Meu filho foi morto", a protestante segue: "Matou meu povo na Espanha ontem. Porque mentira mata, inclusive seus filhos, estão matando crianças no Iraque, e estão matando jovens americanos. Para Que? Por petróleo. Bush é o terrorista", eis que a mulher que passava pela rua entra na conversa e diz: " Não ele não, isso tudo é encenação", então a mãe do soldado retruca: "O meu filho não é encenação", a mulher pergunta: "Onde ele morreu?", a mãe prontamente responde: "Foi morto em Karbala. Em 2 de abril. Não é encenação. Meu filho morreu.", Então a mulher que passava pela rua demonstrando sua arrogância e ignorância disse: "Existem muitos outros também. Culpem o Al Qaeda", neste momento Michel Moore entra na conversa e diz: "O que ela gritou para você?", e a mãe do soldado americano responde: "Que eu devia culpar o Al Qaeda, O Al Qaeda não mandou meu filho para o Iraque. Ignorância, é com o que lidamos todos os dias, eles não sabem. Acham que sabem mas não. Eu achei que soubesse, mas não sabia."

Este diálogo é extremamente importante, porque a mulher que teve o filho morto no Iraque momentos antes do filme destaca a importância do exército americano, sendo que seus avôs, pais, tios, primos e irmãos tinham seguido a carreira militar, caracterizando sua família como uma espécie de espinha dorsal da sociedade americana, porém precisou de um acontecimento tão extremo, que foi a perda do filho, soldado americano em uma guerra sem sentido contra o Iraque para que ela percebesse o quanto estava enganada a respeito de certos valores, infelizmente para alguns o despertar somente acontecem em situações de extremo sofrimento.

Uma nação que é conhecida como a terra das oportunidades em momentos de guerra realmente mostra a sua face, pois vemos que na formação dos exércitos estão:

¹² Fahrenheit 11 de Setembro.

“as pessoas que vivem nas piores áreas da cidade, que freqüentam as piores escolas, que vivem mal, são as primeiras a se apresentar para defender esse mesmo sistema. Elas desistem de suas vidas para que nos sejamos livres. É notável como nos presenteiam. E o que pedem em troca é que não coloquemos suas vidas em perigo a não ser que seja absolutamente necessário”.¹³

Sendo o exército a única alternativa que resta para alcançarem um futuro melhor.

O relato de um diálogo que se encontra no livro *Confronto de Fundamentalismos* de Tariq Ali, tem grande valor nesse presente trabalho, trata-se da descrição de uma conversa que Tariq Ali teve com um taxista em Nova York com traços latinos, então segue os argumentos de ambos:

Tariq: “Onde você estava em 11 de setembro?”

Taxista: “(olhando atentamente para Tariq pelo retrovisor) Por que está perguntando?”

Tariq: “Só queria saber”.

Taxista: “De onde você é?”.

Tariq: “Londres”.

Taxista: “Não, quero dizer, de onde você é realmente”.

Tariq: “Paquistão”.

Taxista: “Eu sou talibã. Olhe para mim. Não, não. Sou da América Central. Não dá para ver?”.

Tariq: “Eu só queria saber se você estava em algum lugar perto das Torres Gêmeas naquele dia”.

Taxista: “Não, não estava, mas não me importaria se estivesse”.

Tariq: “O que quer dizer com isso?”.

Taxista: “Eu não me importaria se fosse morto. O importante é que eles foram acertados. Fiquei feliz. Sabe por quê?”.

Tariq: “Não”.

Taxista: “Você sabe quantas pessoas eles mataram na América Central. Sabe?”.

Tariq: “Diga”.

Taxista: “Centenas de milhares. É verdade. Eles ainda estão matando a gente. Eu fiquei mesmo feliz quando eles foram atingidos. Nós tivemos nossa vingança. Sinto pena dos que morreram. Isso é mais do que eles sentem por nós”.

¹³ Fahrenheit 11 de Setembro.

Tariq: “Por que você mora aqui?”.

Taxista: “Meu filho está na escola aqui. Eu estou trabalhando para pagar a educação dele. Nós tivemos de vir porque eles não deixaram nada lá. Nada. Nem escolas. Nem universidades. Você acha que eu preferiria estar aqui a estar no meu país?”¹⁴.

Esta conversa é significativa, pois imaginamos que a aversão contra os Estados Unidos encontra-se somente nos orientais, mas vemos que isso não é verdade, até porque as usurpações de poder por parte dos EUA não acontecem unicamente no oriente, mas sim em todas partes do mundo, então podemos notar que no mundo ocidental também existem diversos focos de repúdio aos americanos, e quando vemos pessoas na rua comemorando os atos de 11 de setembro, muitos podem ficar indignados com as cenas, porém fatos piores foram ocultados pela mídia ocidental, e esta é mais uma singularidade dos acontecimentos de 11 de setembro, eles não poderiam ser omitidos e em muitos lugares ele foi comemorado pelo simples fato de que finalmente os Estados Unidos sentiram na pele as consequências de seus atos, porém em escala muito reduzida se comparada as atrocidades já cometidas por eles.

Como meu objetivo neste trabalho é tentar dar a voz a quem aqui no Ocidente não tem, gostaria então de reproduzir os comentários do praticante do Islamismo ao qual entrevistei, sobre os acontecimentos de 11 de setembro, então a seguir veremos quais são esses comentários:

Lucas: Aproveitando a questão da discussão sobre os Estados Unidos, eu gostaria que agora você falasse um pouco sobre o 11/09?

S. A. H.: Olha o onze de setembro meu amigo o que já tem de especulação em cima desses assuntos é muita coisa, para você ter uma idéia hoje tem até relatos que dizem que isso aí não foi nada de um ataque do Bin Laden, nada disso, é até meio esquisito, mas tudo que foge a história parece que é verdade mesmo, porque a história escrita é totalmente manipulada, e se tratando de Brasil então, aí que vai manipulação mesmo.

Então o que acontece não tenho uma história uma opinião definida de quem foi, porque que foi até que sim, mas não sei se de fato isso foi um acontecimento terrorista, eu sei que é um marco histórico é uma coisa muito esquisita, dois ou até mais eram mais aviões invadir o espaço aéreo norte-americano sem existir uma rota, sem existir um esquema de segurança, a nação mais poderosa do mundo deveria ter segurança nesse

¹⁴ ALI. Tariq. **Confronto de Fundamentalismos Cruzadas, Jihads e Modernidade**. Tradução de Alves Calado. – Rio de Janeiro: Record, 2002.

sentido, e aquela cena do avião entrando no WTC é uma imagem muito chocante você vê um avião sumir dentro de um prédio é uma coisa muito chocante, e derrubar um prédio tão famoso internacionalmente e tão importante comercialmente no mundo é um ato grandioso, só que ao mesmo tempo é um ato catastrófico, porque envolve pessoas inocentes, envolve morte de civis, uma coisa se isso ocorreu como ato terrorista, primeiramente eu não concordo com os atos terroristas, porque os atos terroristas são atos covardes, covardes, porque matam gente inocente e quando acontece este tipo de coisa não é uma coisa que a gente deve ficar de acordo, e o WTC matou muita gente inocente que não tinha nada a ver com o conflito nem dentro nem fora do país.

Agora quem foi que fez isso, será que foi o Bin Laden mesmo não sei eu não posso afirmar isso tem muita coisa que me deixa em dúvida, por exemplo, falam que nos destroços acharam uma cópia do alcorão e um passaporte de um dos terroristas, como isso é possível, se no atentado se incinero tudo quanto é metal derreteu, e um passaporte ficar no meio dos destroços é muito estranho uma história dessas, é muito estranho acreditar que um passaporte, um pedaço de papel sobreviveu a um ataque desses, num sei então tem coisas que eles falam quer que a gente acredite, mas foge da racionalidade humana, como é que um avião some, derrete tudo, o prédio vem abaixo e um papel, um passaporte de um dos terroristas é encontrado no meio dos destroços, porque você imagina que o passaporte estava no bolso do terrorista e o terrorista estava dentro do avião e o avião entra no prédio tem toda uma explosão como aquela e o passaporte sobreviver é muito esquisito, e isso é notícia brasileira eu estou comentando o que saiu aqui na televisão brasileira.

Agora existe também uma outra coisa que aconteceu antes do ataque de onze de setembro, existia muito ouro dentro do prédio que era de investidores israelenses, judeus e dinheiro e tal, e escritórios isso foi retirado antes do onze de setembro, isso aconteceu, você viu algum judeu que morreu no onze de setembro?. Alguém comentou sobre algum judeu que morreu ali, falaram de muita coisa, mas de judeu não falaram, e aí foram retirados esses investimentos e essas quantias de ouro, não estou falando que eles fizeram isso, mas estou demonstrando várias coisas que de repente deixa a gente pensando, ah retiraram e tal e aí aconteceu o onze de setembro, e aí encontram um dos passaportes de um dos terroristas, aí até hoje o Bin Laden não assumiu o atentado, ele não assumiu o atentado, ele falou de aviões, mas ele não falo nós fizemos isso, não falou, ele não manda fitas direto então porque ele não se pronunciou olha nós fizemos isso, não sei, mas eu também não estou defendendo Bin Laden porque acho que o Bin

Laden é obra dos americanos, eu sou totalmente contra o Bin Laden, e para mim ele é obra americana a história familiar dos dois mostra isso, as famílias dos dois tem negócios, então é muita sujeira, é muita coisa não tem o de falar sobre o onze de setembro, agora tudo volta para a política norte-americana, então esse ataque de onze de setembro mudou a história, mudou o jeito até das pessoas pensarem não só nos Estados Unidos, mas como no mundo, foi um atentado extremamente grandioso, muito bem arquitetado não sei até que ponto, eu não sei até que ponto os Estados Unidos estão envolvido com isso, eu não sei eu não posso afirmar eu não estava lá, eu tenho as minhas observações do assunto, mas eu não sei até que ponto os Estados Unidos não tiveram envolvido com este tipo de atentado, você fala assim, mas o cara vai fazer atentado contra a própria nação, vale tudo hoje para os Estados Unidos até atingir a própria nação para usar isso como desculpa para alguma coisa.

Por meio das colocações do trecho acima observa-se que os comentários são feitos baseados em informações de diferentes fontes, sendo algumas ocidentais e outras orientais, analisando a entrevista, alguns pontos precisam ser colocados, primeiro com relação à religião o entrevistado é praticante do Islamismo e condena a ação terrorista pelos mesmos motivos que a maioria condena, então não podemos incorrer mais no erro de considerarmos islamismo e terrorismo como sinônimos. O segundo ponto que acho pertinente levantar é com relação à questão da suposta teoria de um envolvimento norte-americano nos acontecimentos de 11 de setembro, ao meu ver essa possibilidade não soa como absurda, pois como já apresentado anteriormente os EUA deram enorme suporte na formação de determinados grupos terroristas, porém o que mais me chama a atenção é a negligência norte-americana ao tratar possíveis casos de ataques terroristas, porque como é apresentado no filme Fahrenheit 11 de Setembro temos um descaso da administração Bush em relação ao terrorismo anterior aos acontecimentos de 11 de setembro, sendo que uma das medidas de seu governo foi promover cortes no orçamento que tinha como objetivo o combate ao terrorismo, assim como ignorou relatórios do serviço secreto americano alertando sobre um possível ataque terrorista.

Mas este não foi o primeiro caso de negligência norte-americana como nos diz Noam Chomsky em seu livro 11 de setembro, na administração do presidente Clinton, antes dos bombardeios efetuados no Sudão, propôs-se a ajuda com a entrega de relatórios que desmascararia formações terroristas:

“isso é o que consta do relatório dessa alta fonte da CIA. Incluindo nesse material recusado estava “uma vasta gama de dados sobre Osama bin Laden e

*mais de 200 membros da rede terrorista Al-Qaeda, cobrindo anos de atividades que redundaram nos ataques de 11 de setembro”.*¹⁵

Não sei se essa recusa a tantos detalhes e informações sobre redes terroristas foram propositais, porém os Estados Unidos sabiam que pelas ações e pela logística que esses grupos terroristas têm, eles não representariam grande ameaça ao território americano o único risco que teria que ser admitido seria a possível perda de vidas civis inocentes, mas creio que este não é um problema relevante para os EUA, principalmente quando seus interesses estão em jogo, e após um ataque terrorista estaria livre das sanções morais para defendê-los.

Uma caracterização do pensamento imperialista americano, como nação que tem como dever manter e zelar pela paz mundial, não importando quais medidas serão tomadas para isso, o que pode ser notado no seguinte trecho:

*“Podemos sentar e olhar. Claro, algum dia interviremos. Estamos fadados a isso. Mas não há pressa. O próprio tempo teve de esperar no maior país de todo o universo de Deus. Estaremos ditando as regras para tudo – indústria, comércio, leis, jornalismo, arte, política e religião, do cabo Horn até Surith’s Sound, e também mais adiante, se algo que valer a pena surgir no pólo Norte. E então teremos tempo de tornar as ilhas e continentes distantes da terra. Conduziremos os negócios do mundo, quer ele goste ou não. O mundo não pode evitá-lo – e nem nós, imagino eu”.*¹⁶

¹⁵ CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. Tradução: Luiz Antonio Aguiar, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

¹⁶ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Capítulo II

O mundo não é bem assim: cultura e interpretações

Depois de toda a explicação das razões desse trabalho é chegada a hora de realmente discutirmos o objetivo principal, que se trata da visão do Oriental sobre si mesmo, conhecer a sua cultura, suas tradições e suas crenças. Procurando entender uma sociedade que é colocada tão distante de nós ocidentais, que preferimos classificá-la de homogênea, exótica, inferior, etc.:

*“A imagem islâmica vem sofrendo vicissitudes através dos tempos, a islâmica e mais amplamente a oriental, e esta imagem é imposta pela visão do Ocidente, sua incapacidade de ver o outro; o oriental só é “engolido” se se ocidentalizar segundo a visão imposta pelo imperialismo, pelo racismo e, romanticamente, o amor ao exotismo, este ultimo forçando o oriental a se tornar mais diferente do que de fato é, conferindo-lhe uma realidade que apenas decorre da projeção de fantasmas inconscientes ocidentais”*¹⁷

Busco justamente sua singularidade, as suas minúcias que a tornam uma sociedade encantadora, a qual a cultura e tradição não podem ser desrespeitadas, nem ignoradas.

Uma das principais vítimas dessa homogeneização por parte dos ocidentais é o Islamismo, que após os acontecimentos de 11 de setembro sofreu distorções com relação as suas práticas sendo considerado por muitos, que não possuem o mínimo de informação, como um sinônimo de terrorismo, pois grupos radicais islâmicos são acusados de perpetuar inúmeros ataques terroristas em diversas localidades. Porém não quero neste trabalho discutir essa ala radical, pois esta a mídia internacional já se encarregou de nos fornecer inúmeras informações, manipuladas é verdade, mas aqui tenho como objetivo resgatar outro tipo de Islamismo que certamente não é este que prega a disseminação de violência.

Devidas as relações que se estabeleceram entre ocidente e oriente na época imperialistas simplesmente não podemos separar esses dois povos de maneira tão genérica assim, por que como nos diz Edward Said: “Em parte devido ao imperialismo, todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo”.¹⁸

¹⁷ HADDAD, Jamil Almansur. **O que é islamismo**. Brasiliense, 4ª edição, 1994.

¹⁸ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O que busco é demonstrar que na realidade esta separação entre mundo ocidental e mundo oriental não existe, porque ambas as culturas possuem similaridades e buscam elementos para comporem suas próprias obras que às vezes passam despercebidos como acontece no caso da Divina Comédia de Dante Alighieri :

*“O esplendor da aplicação dos conhecimentos de religião árabe, do ponto de vista das influências islâmicas sobre o pensamento do Ocidente, está no arabista espanhol Asin Palácios. Este autor revela raízes islâmicas grossas num livro tradicionalmente tido por aristotélico, tomista, medieval, cristão, até os limites ortodoxos da aplicação destes termos. A Divina Comédia sabe-se hoje que bebe (e profundamente) em nascentes cristalinas do Profeta. Desloca o eixo da apreciação de um livro apontado tradicionalmente como o máximo monumento poético da cristandade”*¹⁹

Outro exemplo dessa troca entre oriente e ocidente pode ser exemplificado ao pensarmos a filosofia, que em árabe tem como termo respectivo falsafa, o surgimento da falsafa se deu com influências ocidentais como Platão e Aristóteles, dentre os seus principais nomes do período clássico temos Al Kindi, Al Farabi, Ibn Sina e Ibn Rushd, todos esses autores como era comum na época detinham inúmeros conhecimentos em diversas áreas como medicina, astronomia, matemática, psicologia, etc. Para exemplificar essa influência da filosófica ocidental, utilizarei um trecho escrito por Al Kindi no início de sua Epístola sobre a filosofia primeira, inspirando-se em Aristóteles:

“Grande deve ser, pois, nosso agradecimento àqueles que trouxeram um pouco da verdade, tanto mais àqueles que nos trouxeram muito da verdade, visto que nos fizeram participantes dos frutos de seus pensamentos e nos facilitaram o caminho para as verdadeiras questões obscuras, ao mesmo tempo em que nos beneficiaram com as premissas que nivelaram, para nós, o caminho da verdade. Se já não houvesse existido tais princípios verdadeiros com os quais nos educamos para as conclusões de nossos problemas desconhecidos, eles não se reuniram para nós, nem mesmo uma intensa investigação durante toda a nossa vida. Isso só foi reunido nas épocas passadas – era após era – até esta nossa época, com uma investigação intensa, com assídua e infatigável tenacidade [...]. Não devemos nos avergonhar, pois, de achar bela a verdade e de adquiri-la de onde quer que venha, ainda que seja de povos e de raças distintas e distantes de nós pois não existe nada mais caro do que a verdade para quem busca a verdade. Não há que se menosprezar a verdade, nem há que se humilhar aquele que dela fala e nem quem a traz consigo. Nada desprezível pela verdade; ao contrário, pela verdade tudo se enobrece”.²⁰

Além do mais são anos de convivência, apesar de que muitas das vezes esta não foi desejo de pelo menos um dos lados, pois a relação entre ocidente e oriente na

¹⁹ HADDAD, Jamil Almansur. **O que é islamismo**. Brasiliense, 4ª edição, 1994.

²⁰ ATTIE, Miguel Filho. **Revista Biblioteca Entre Livros**. Duetto, ano I, nº 3, p.30, 2006.

maioria das vezes se deram na forma de domínio, sendo o domínio dos ocidentais sobre os orientais muito maiores, porque como podemos observar nos textos de Edward Said sobre este tema, percebemos o quanto a época de domínio das potências ocidentais como Inglaterra, França e Estados Unidos foi longa e devastadora:

“... as idéias de levar a civilização a povos bárbaros ou primitivos, a noção incomodamente familiar de que se fazia necessário o açoitamento, a morte ou um longo castigo quando “eles” se comportavam mal ou se rebelavam, porque em geral o que “eles” melhor entendiam era a força ou a violência; “eles” não eram como “nós”, e por isso deviam ser dominados.”²¹

Com relação a esta presença ocidental em território oriental temos um grande problema, pois as interpretações que nos chegam do mundo oriental provém de fontes ocidentais e de suas interpretações do outro, nos textos da literatura inglesa e francesa estes são pontos claros, onde como nos diz Said muitos nem estiveram em territórios, mas escrevem seus textos tendo como base em relatos de escritores conterrâneos que tiveram o contato direto com a realidade oriental, mas que, no entanto em momento algum deixaram de lado suas visões, valores e crenças ocidentais. “A rede de racismo, de clichês culturais, de imperialismo político, de ideologias desumanizantes que envolve o árabe ou o muçulmano é muito sofrida, do que todo palestino vem se ressentindo como se fosse um castigo que a sorte lhe reservou”. Com relação ao pensamento ocidental sobre os orientais, podemos incluir a seguinte ponto de vista: “as regiões distantes do mundo não possuem vida, história ou cultura dignas de menção, nenhuma independência ou identidades dignas de representação sem o Ocidente”.²²

O islamismo diferentemente do que se tem colocado ultimamente não tem nada a ver com terrorismo e violência, muito pelo contrário o islamismo é paz amor, sabedoria, compreensão, conhecimento, etc. O termo islam significa "submissão" e no caso do islamismo esta submissão está relacionada a Deus, significa entrega total a Deus. Os seguidores do islamismo são conhecidos como muçulmanos, ou seja, não são um povo, uma raça, mas justamente uma diversidade porque o islamismo tem um caráter universal, não sendo restrito a um determinado povo, sendo que temos muçulmanos espalhados por todas as regiões do mundo.

O islamismo acredita no Deus único, que apesar da pronúncia Allah é o mesmo Deus dos cristãos e judeus, somente ele possui a divindade não tendo parceiros, filhos,

²¹ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

²² Idem.

irmãos, etc., nem mesmo Mohammed não tem caráter divino, o único papel de relevância que este teve foi como receptor das palavras de Deus, porém não possuía nenhuma divindade. Acredita em todos os profetas cristãos e judeus, incluindo Adão, Noé, Abraão, Ismael, Isaac, Jacó, José, Jó, Salomão, Elias, João Batista e Jesus, contudo Mohammed é considerado o último profeta enviado por Deus. O alcorão como sabemos é o livro sagrado dos muçulmanos que foi revelado a Mohammed, e este têm passagens semelhantes a judeus e a cristãos. Porém a:

*“Beleza que se perde por completo nas traduções por excelentes que sejam e a que se tem acrescentar caracteres específicos da língua árabe, idioma em que as palavras, longe de terem o sentido preciso que têm nas línguas ocidentais, são vagas, aureoladas, irisadas, devendo as palavras dependerem do contexto em que estão inseridas, contexto que por vezes também é mistério e de natureza poética. É impossível na versão manter o ritmo soberano. Perdem-se as rimas únicas das cláusulas. A solenidade dos refrões. As assonâncias, as aliteraões. A música inefável, a clareza de sol e pedra preciosa que aureola o original”*²³

No Islamismo observamos cinco práticas que são os pilares da religião são eles a fé, a oração, o zakat, o jejum e a peregrinação. Estas são as práticas que o muçulmano tem para atingir o contato com Deus. Primeiramente temos a fé como pilar esta tem um caráter singular no islamismo, porque a prática do islamismo está ligada intimamente a fé do praticante, sendo que este realmente torna-se adepto ao islamismo por vontade própria a fé tem que partir do seu interior, não existe no islamismo qualquer tipo de sacerdote que por ventura pode influenciar a sua decisão pela adoção da fé ou não, esta é uma decisão pessoal, pois como disse no parágrafo anterior islam é submissão a Deus, então essa submissão só ocorrerá se houver uma espontânea devoção a Deus.

O segundo pilar do Islamismo é a oração Salat é o nome para as preces obrigatórias que são feitas cinco vezes ao dia e que são uma ligação direta entre o crente e Deus, e esta é cercada por todo um conjunto de regras, pois trata-se de um momento de purificação de reflexão, portanto antes de se fazer as orações o muçulmano deve fazer a higienização do corpo, da roupa e do local da oração e foi recomendado ao muçulmano ir às mesquitas bem vestido, perfumado, sem nenhum odor que possa vir a incomodar os outros oradores. E, como a oração se repete cinco vezes ao dia, o muçulmano deve estar sempre limpo e embelezado, porém podem ser realizadas apenas três preces ao dia, sendo uma pela manhã, uma por volta do meio-dia e uma a noite, as cinco orações são importantes porque nunca se está livre do pecado, então com as orações pode se purificar dos seus pecados desde de que esses não sejam pecados

²³ HADDAD, Jamil Almansur. **O que é islamismo**. Brasiliense, 4ª edição, 1994.

grandes. As orações são também uma forma de se manter o corpo longe do sedentarismo, pois recomendasse ir a mesquita a pé, então já se faz uma caminhada a cada vez que se dirige a mesquita, além disso, as orações possuem movimentos próprios que também colaboram na manutenção de uma vida saudável. Trabalha-se a força espiritual e psicológica durante as orações, porque trata-se de um momento de entrega a Deus, e ali você encontra todo o conforto e paz para seguir com o seu dia após as orações com ânimo renovado. O contato com Deus na oração faz com que o crente procure uma conduta mais adequada, seguindo assim a linha de conduta pregada pelo islamismo, e ficando distante dos pecados, constituindo a prece em um fortalecimento moral.

Como mencionado acima a higienização do corpo é um fator essencial para se fazer uma oração, sendo que esta purificação deve ser efetuada da seguinte maneira, primeiramente deve se lavar as mãos e os punhos três vezes, em seguida bochechar por três vezes, Com a mão em concha, pôr a água e aspirar pelas narinas jogando-a fora, por três vezes, em seguida, lavar o rosto por três vezes, certificando-se de que a água se espalhou por todo o rosto, lavar a mão direita até a altura do cotovelo e em seguida a mão esquerda, até a altura do cotovelo três vezes cada, passar as mãos molhadas sobre a cabeça, partindo da frente para trás, com o polegar e o dedo indicador, massagear as orelhas, dentro e fora e por fim lavar o pé direito até o tornozelo por três vezes e em seguida o pé esquerdo até o tornozelo. É um ritual simples, porém de suma importância para a realização de uma oração.

Há fatores que anulam a purificação são eles a urina, fezes, gases, enfim tudo o que sai por via urinária e por via anal, o sono profundo, quando a pessoa estiver numa posição relaxada, o sangue e o pus, quando escorrem, o vômito, quando não for possível controlá-lo, a gargalhada em toda a oração que tenha inclinação e prostração.

Não há autoridade hierárquica no Islam, ou seja, padres, pastores, etc. As preces são conduzidas por uma pessoa que conheça o Alcorão e geralmente escolhida pela congregação, entre os seus membros. Essas cinco preces contêm versículos do Alcorão e são ditas em árabe, o idioma da Revelação, mas a súplica pessoal, pode ser feita no idioma do crente. As preces são feitas na madrugada, no meio do dia, no meio da tarde, no pôr do sol e à noite. Embora seja preferível a prece na mesquita, nada impede que o muçulmano reze em qualquer lugar, em casa, nos campos, nas fábricas, nas universidades, etc.

O terceiro pilar do islamismo é o zakat, que significa purificação e crescimento, um dos princípios mais importantes do Islam é o de que todas as coisas pertencem a Deus e que estão nas mãos dos muçulmanos em confiança. Nossas posses são purificadas ao apartarmos uma porção delas para os necessitados, porém esta contribuição se dá levando-se em conta os lucros obtidos naquele ano por cada indivíduo então se o fiel estava com dificuldades em casa e não tem condições de pagar uma contribuição este estará livre, porque não se deve tirar da boca dos filhos para fazer sua contribuição, somente está obrigado a esta tarefa os que realmente tem em excedente. O cálculo do zakat é feito por todo muçulmano individualmente, sendo o valor estipulado com base no lucro obtido durante todo o ano o crente pode dar mais em caridade, e que o faça preferencialmente em segredo.

O quarto pilar é o mês do jejum, o Ramadã, durante este período, todos os muçulmanos jejuam desde o alvorecer até o pôr-do-sol, abstendo-se de comida, bebida e relações sexuais. Os que estiverem doentes, ou forem idosos, ou estiverem em viagem, as mulheres grávidas ou amamentando, têm a permissão de quebrar o jejum e compensar igual número de dias em outra época do ano. Se forem fisicamente incapacitados para o jejum, devem alimentar um necessitado para cada dia perdido. As crianças começam a jejuar (e a orar) a partir da puberdade, muito embora muitas delas comecem mais cedo. Apesar de o jejum ser mais benéfico para a saúde, ele é visto principalmente como um método de auto purificação. Ao suprimir o conforto terreno, ainda que por pouco tempo, a pessoa que jejua vivencia a fome por que passa o necessitado, assim como fortalece seu espírito.

Apesar de seu caráter extremamente importante, a peregrinação que é o quinto pilar do islamismo acaba excluindo alguns muçulmanos, porque para se fazer a mesma se faz necessário gastos, então infelizmente fieis que não tiverem condições de arcar com os custos deveram fazer os jejum e preces apesar do prejuízo deste não ser efetuado na mesquita. A peregrinação anual a Mecca, o Hajj, é uma obrigação apenas para aqueles que estão capacitados física e financeiramente. No entanto, anualmente, cerca de dois milhões de pessoas vão a Mecca, vindas de todas as partes do mundo, propiciando uma oportunidade única para que muçulmanos de diferentes nacionalidades se encontrem. O Hajj anual começa no 12º mês do calendário islâmico. Os peregrinos vestem roupas especiais: peças simples e iguais para todos, sem distinção de classe ou cultura, para que todos se coloquem iguais perante Deus. Os rituais do Hajj, que remontam aos tempos de Abraão, incluem circundar a Caaba sete vezes e ir do monte de

Safa até o monte de Marwa sete vezes, como fez Agar em sua busca por água. A seguir, os peregrinos ficam juntos na ampla planície de Arafat e pedem o perdão de Deus, numa antecipação do Dia do Julgamento. Há séculos atrás, o Hajj era uma empreitada árdua. Hoje, no entanto, a Arábia Saudita fornece água, transporte e as mais modernas vantagens para milhões de pessoas. O término do Hajj é marcado por uma festa que é celebrada com preces e troca de presentes nas comunidades muçulmanas de todo o mundo. Esta festa comemora o fim do Ramadã, são as duas mais importantes festas do calendário muçulmano:

*“É impressionante constatar que existe uma unidade de tantos povos e de culturas em torno de uma mesma vontade, a de se purificar, com o objetivo de realizar a igualdade entre os homens que vêm à casa de Deus rezar e se arrepender. A roupa é uma só para todos, sem costura para que não a manipule homem (era assim a túnica de Cristo, inconsútil): a sacralização da indumentária, sagrada pela igualdade”.*²⁴

Trabalhando com a história oral como uma das fontes tento desfazer o trajeto da produção de uma história hegemônica, a qual já estamos acostumados e que dá fala a determinados sujeitos, e produz generalizações com relação aos “excluídos”, portanto com as entrevistas tento resgatar as memórias dos outros, aqueles que não tem espaço na história hegemônica, levantando suas singularidades, mas sempre lembrando que como:

*“...qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais. Um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais”.*²⁵

Viso discutir a importância da utilização das mais variadas fontes na construção do saber histórico, como essas fontes nos trazem aspectos singulares de interpretação, sendo que a fonte oral é de suma importância para darmos voz aos sujeitos sociais que atuam no presente, para identificarmos como este presente está sendo construído e como poderemos alterar esta realidade se a mesma não nos agradar:

“ Ao propor outra abordagem, buscamos refletir sobre o significado social destas e de outras fontes, explorando suas possibilidades, avaliando seus limites, indagando sobre as relações sociais, políticas e ideológicas inscritas no processo mesmo de sua produção e preservação. Quando em nossas análises, perguntamos quem as produziu, quando, onde e em quais circunstâncias, não

²⁴ HADDAD, Jamil Almansur. **O que é islamismo**. Brasiliense, 4ª edição, 1994.

²⁵ Vários Autores. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo, Olhos d'água, 2004.

estamos buscando simples autoria, nem meras datas, ou contextos já dados, que lhe são, portanto, anteriores e exteriores. Estamos considerando que elas expressam sujeitos históricos, inseridos ativamente numa complexa rede de relações e acontecimentos e num intrincado jogo de pressões e limites que é preciso problematizar.”²⁶

Ao realizar as entrevistas pude ter o contato com um pedaço da cultura oriental, por meio dos relatos do meu entrevistado, em certos momentos me sentia tão envolvido com a entrevista que chegava a criar imagens na minha cabeça tentando materializar nos meus pensamentos tudo aquilo que estava ouvindo. “Líbano é um país turístico foi a chamada perola do Oriente nos anos de 60 e 65 até meados de 70, era um dos países mais lindos do mundo, em ecoturismo, recebia visitantes do mundo inteiro”. Mas esta materialização é complicada, porque nos acostumados a visão ocidental, temos a imagem de um oriente retrogrado, com cidades destruídas, tendo as regiões do deserto cortando seus territórios de fora a fora, aquelas belezas territoriais que meu entrevistado falava não tinha conhecimento.

Esta aquisição de novos conhecimentos era muito prazerosa, porém não deixava de ser um processo complicado, porque a partir daquele momento parte das coisas que conhecia se viram questionadas, pois sendo um sujeito ocidental vivendo em um mundo ocidental, logicamente compartilho o pensamento ocidental, mas esta mudança de foco creio colaborou para um maior desenvolvimento do meu senso crítico, com certeza não foi uma tarefa fácil, contudo os seus resultados vou carregar para o resto da vida.

Tive contato com um Islamismo diferente daquele perpetuado pela mídia ocidental com características muito singulares como por exemplo a aproximação com a ciência que exemplifico no seguinte relato de meu entrevistado:

“...ah quando você deixa uma mulher, quando você larga, você tem um relacionamento é casado com uma mulher, divorcia ou larga sei lá o que, está mulher devera esperar três ciclos menstruais para que ela possa se casar novamente, porque isso se você era casado com aquela mulher e normalmente mantinha relação sexual com ela, então para ela ter a certeza que não vai gerar nenhum descendente seu, ela precisa esperar três ciclos menstruais, porque três ciclos menstruais porque nesse período de gestação ela pode ter sangramento como se fosse menstruação e estar grávida de você sem você saber e sem ela saber, e casar de novo com outro homem e achar que a gravidez é do outro e não do primeiro, então são questões muito interessante que tratam essa questão do dia-a-dia do ser humano que não é tratada em religião nenhuma”²⁷

²⁶ Idem.

²⁷ Entrevista realizada com S. A. H., no dia 7 de junho do ano de 2005.

O Islamismo não é uma religião atrasada e violenta como a visão ocidental tenta passar, e também não possui somente uma proposta religiosa, trata também de questões sexualidade, drogas, comportamentos, costumes até na questão alimentar, como exemplificou o entrevistado:

“...quando um cão se alimenta num prato esse prato só vai se tornar puro se lavado primeiramente com terra, você lava ele com terra você pega a terra e esfrega nele primeiro para depois ser utilizado pelo homem, então essa era uma questão que era dita assim segundo o islamismo, então aquele prato só pode ser usado pelo homem novamente se for lavado em terra primeiramente, aí surgiu essa dúvida para os pensadores islâmicos e para os cientistas da época porque, então vamos pesquisar conforme os conhecimentos científicos, então vamos estudar o que está acontecendo, então descobriu-se o seguinte que existe um microorganismo na saliva do cachorro que ele só vai ser morto se antes lavado com terra porque existe um outro microorganismo na terra que mata ele, então são questões simples que tem como fundamento proteger o ser humano”²⁸

O islamismo também apresenta uma proposta social, determinando quais os modelos que uma sociedade deve seguir para alcançar uma convivência agradável e harmoniosa, onde todos sabem o papel que devem desempenhar na sociedade, porém interpretações equivocadas do Alcorão produzem sociedades bem diferentes daquelas idealizadas pela religião:

“O Islã visa ao estabelecimento da justiça social, o que só é possível numa sociedade isenta de conflitos, quando cada um pode, na medida em que está em condições de desenvolver suas capacidades e sua personalidade, tirar vantagens dos recursos espirituais e materiais do meio, e tal personalidade firmada na sua experiência vital não se deixaria obcecado pelo egoísmo, pela excrescência do eu. Ela se consagraria ao serviço de Deus e do homem, o islã não aceita que os fiéis se submetam a um sistema social injusto”²⁹

Felizmente com o desenvolvimento tecnológico hoje em dia você pode ter o acesso as mais variadas informações, assim como pode conversar com uma pessoa do outro lado do mundo sentado confortavelmente diante do computador da sua casa, e estas são as maneiras que as pessoas que estão longe de suas terras natais encontram para manter contato com seu mundo, no caso do meu entrevistado não é diferente, pois aproveita de todos os benefícios que a tecnologia possibilita, incluindo uma gama de canais árabes que são transmitidos via satélite, com a globalização temos a diminuição

²⁸ Idem.

²⁹ HADDAD, Jamil Almansur. **O que é islamismo**. Brasiliense, 4ª edição, p.18-19, 1994.

das distâncias o que possibilita o contato de maneira indireta já que : “...existe a distância que ainda separa a gente desses dois mundos tão diferentes”³⁰.

A manutenção dos hábitos, crenças e tradições passam por alterações quando você se encontra em um lugar diferente daquele com o qual estava habituado, e em se tratando de uma mudança do mundo oriental para o mundo ocidental, isso pode ser sentido de maneira mais forte, como nos diz o entrevistado:

*“...isso é muito complicado porque quando você sai de um lugar que existe toda uma forma de hábitos de vida de costumes, e até um modo de você trata o outro é diferente e você vai para um lugar que num tem de repente muito a ver com aquilo que você está acostumado, então se faz necessário uma adaptação a nova realidade que esta posta, para não se encontrar isolado naquela nova sociedade apesar de que isso as vezes acarreta na alteração de valores que possuísse em sua terra natal. Um exemplo destas mudanças pode ser observado a seguir um muçulmano ele não deve tocar em uma mulher que não seja a dele, desde de cumprimentar, dar um beijo no rosto e tal, isso não deve ser feito por pessoas normais, você conhece uma pessoa cumprimenta pega na mão da um beijinho e tal, então lá não você deve fazer isso somente com a sua esposa, ninguém deve tocar a mulher do outro, você pode beijar sua mãe, sua irmã, sua tia sua vó, tirando essa parte familiar, mas, por exemplo, prima também não pode, então existem regras nesse sentido de comportamento que deve ser respeitada, aqui não você cumprimenta, beija, abraça, belisca e ai vai, então tem isso, isso ai é um fato que a gente abre mão por uma questão de comunicação porque imagina, por exemplo, uma mulher estende a mão para você até você explicar para ela a questão, que geralmente quando se estende à mão você põe a mão no peito e faz um gesto com a cabeça e fala alguma coisa, não tem nada assim de querer isolar um do outro, não muito pelo contrário é uma forma de respeito”.*³¹

Com relação aos rituais tem-se uma perda do ambiente, pois naquele momento em que o praticante do Islamismo está fazendo suas preces aqui em Uberlândia, por exemplo, a maioria das pessoas continua sua vida normalmente, não se tem este ambiente, isto acontece em São Paulo, porque lá se têm mesquitas, porém em Uberlândia não se tem nenhuma. No mês do Ramadã acontece o mesmo prejuízo pois:

*“...não existe o clima do mês de Ramadã aqui no país de repente em algumas colônias sim, mas isso se concentra em alguns locais, mas é em São Paulo, etc, já aqui não é um dia normal para todo mundo como se fosse qualquer outro só que para você não, para você é um mês de jejum, é um mês do perdão, é um mês da fé, da concentração, da retirada de maus hábitos e então você acaba perdendo esse clima de jejum”.*³²

³⁰ Entrevista realizada com S. A. H., no dia 12 de janeiro do ano de 2007.

³¹ Idem.

³² Idem

A questão da mulher no oriente também acontecem distorções e generalizações, se formos analisar o Islamismo a partir de suas escrituras veremos inúmeros exemplo da valorização da mulher, porém na prática realmente existem nações que praticam o islamismo que privam as mulheres de direitos que estão contidos no livro sagrado como exemplo de países que não respeitam os direitos das mulheres podemos citar a Arábia Saudita e o Afeganistão, porém no Irã este desrespeito as mulheres não acontece como cita nosso entrevistado : “no Irã a mulher pilota até caça”. Então na visão ocidental as mulheres orientais não têm direito a nada, são como escravas para os maridos, não podem estudar e são obrigadas a cobrir o rosto com as famosas burcas, retirarei trechos da entrevista que comentam sobre a vida da mulher na sociedade islâmica, com relação ao uso de burca e não poder freqüentar a escola cito o seguinte trecho: “eles mostram as mulheres de burca que não podem estudar que não pode fazer as coisas e tal isso aí para gente a gente despreza como islamismo isso aí não é islamismo”³³. Esta afirmação para a vertente islâmica que meu entrevistado pratica é um absurdo, pois:

*“...de onde que eles tiram isso eu não sei, porque a primeira coisa que Deus falou para o profeta Mohamed na primeira mensagem que ele mandou para ele, é falando do estudo do conhecimento do aprendizado da leitura ele disse a ele lê em nome de Deus, então a primeira palavra que ele disse é lê é conhecer então como você pode proibir alguma coisa que Deus pregou”.*³⁴

Para exemplificar o pensamento dos direitos das mulheres utilizo a seguinte fala do entrevistado: “...o islamismo deu direitos para homens e mulheres e não somente para os homens”³⁵. Olhando nas escrituras do Alcorão percebemos que realmente os direitos entre homens e mulheres são iguais, mas com até alguns privilégios dentre este o fato que a mulher não tem obrigação nenhuma financeira perante a casa, todo o dinheiro que ela adquire seja trabalhando ou de outra maneira, não precisa necessariamente ser usada para ajudar na manutenção do lar, pois este é tarefa exclusiva do homem, porém se for de sua vontade ela pode se dispor a cooperar com as despesas da casa.

Existem inúmeras histórias sobre o oriente que são contadas devido ao caráter histórico que aquela memória possui, é o caso do dote pago em camelo pelo noivo a

³³ Idem.

³⁴ Idem.

³⁵ Entrevista realizada com S. A. H., no dia 7 de junho do ano de 2005.

noiva, diferentemente do que ocorria no Brasil, onde o pai da noiva pagava um dote ao noivo, no oriente acontece o inverso, e realmente houveram dotes que eram pagos com camelos, mas isto foi a muitos anos atrás quando não se tinha igual hoje bens como apartamentos, carros, jóias, ouro, etc. Mas essa é uma das histórias que perduram até os dias de hoje, como mais uma prova dos direitos que a mulher islâmica tem segue este trecho que explica a função do dote o qual:

"...existe para garantir o direito da mulher tanto no ato do casamento que você precisa ceder uma parte de bens ou até de dinheiro para essa mulher, e é negociado uma outra quantia se caso ocorrer uma separação, porque quando você se separa da mulher ela precisa de amparo, não adianta falar que existe uma independência feminina, que a mulher vai dar conta de tudo não, as mulheres vão enfrentar as mesmas dificuldades que os homens vão enfrentar".³⁶

Outro ponto que acho importante ser levantado é com relação as próprias diferenças existente entre as religiões cristã, judaica e islâmica, como cada uma delas trata uma questão similar com relação à mulher, levando-se em consideração o legado deixado por Eva. No Velho Testamento tem os seguintes disseres:

"Eu acho a mulher um pouco pior do que a morte, porque ela é uma armadilha, cujo coração é um alçapão e cujas mãos são cadeias. O homem que agrada a Deus foge dela, mas ao pecador ela o aprisionará ... enquanto eu estava procurando, e não estava encontrando, achei um homem correto entre mil, mas não encontrei uma só mulher correta entre todas elas" (Eclesiastes 7:26-28).
37

Em livros de prece judeus encontramos a seguinte oração: *"Louvado seja Deus que não me criou gentio. Louvado seja Deus que não me criou mulher. Louvado seja Deus que não me criou ignorante"*³⁸. No islamismo temos a seguinte visão sobre que pode ser observada a partir de trecho retirado do Alcorão:

"Quanto aos muçulmanos e muçulmanas, aos fiéis e às fiéis, aos devotados e às devotadas, aos verdadeiros e às verdadeiras, aos homens e mulheres que são perseverantes, aos homens e mulheres que são humildes, para os homens e mulheres que fazem a caridade, para os homens e mulheres que jejuam, aos homens e mulheres que guardam a castidade, e aos homens e mulheres que se

³⁶ Idem.

³⁷ MOHAMMED, Sherif AbdelAzeem. **A Mulher no Islam: Mito ou Realidade**. Pesquisado no site: www.sbmj.org.br/Mulheres-mito. Em 21/01/07.

³⁸ Idem.

*comprometem em louvar Alá, para todos eles Alá preparou o perdão e uma grande recompensa"*³⁹ (33:35).

Se analisarmos por essa ótica, o islã é o único que não apresenta qualquer diferença entre homens e mulheres, diferentemente da tradição judaica, cristã. A maternidade também é abordada no alcorão, sendo que este demonstra a importância da mesma assim como a importância do pai, mas da atenção especial a mãe quando diz: "Recomendamos ao homem benevolência para com os seus pais. Sua mãe o suporta entre dores e sua desmama é aos dois anos. Mostre gratidão a Mim e a seus pais"⁴⁰ (31:14).

Realmente vivemos em uma sociedade democrática, até porque vivemos no ocidente, não se tem liberdade somente no oriente, aqui no ocidente desfrutamos de todos os tipos de liberdade sexual, política, religiosa, etc. Mas será que vivemos em uma sociedade democrática mesmo, pois não é o que percebo neste trecho de um artigo do Dr. Sherif AbdelAzeem Mohammed que nos diz o seguinte:

*"no Ocidente, que o Islam é o símbolo da subordinação das mulheres por excelência. A fim de compreendermos como está enraizada tal crença, basta mencionar que o Ministro da Educação da França, a terra de Voltaire, recentemente ordenou a expulsão das escolas francesas, de todas as jovens muçulmanas que vestissem o Hijab! Na França é negado a uma jovem muçulmana, que usa um lenço, o direito à educação, enquanto que estudantes católicos podem usar uma cruz ou um estudante judeu pode usar o solidéu. A cena de policiais franceses, impedindo jovens muçulmanas com as cabeças cobertas de entrarem no colégio, é inesquecível".*⁴¹

Então como podemos notar, o Islamismo não é uma religião que descrimina as mulheres, o que ocorre é uma interpretação errônea do livro sagrado, que em seus escritos dá direitos iguais a mulheres e homens, incluindo direitos que as mulheres ocidentais conquistaram por meio de muita luta, e para as mulheres praticantes do islamismo estes direitos já estavam garantidos a séculos, então o que acho que deve ser observado é o que as escrituras dizem e percebemos que aqueles que se julgam praticantes do islamismo e violam os seus mandamentos têm que ser encarados de

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ MOHAMMED, Sherif AbdelAzeem. **A Mulher no Islam: Mito ou Realidade**. Pesquisado no site: www.sbmj.org.br/Mulheres-mito. Em 21/01/07.

maneira distinta, pois não podemos produzir generalizações que denigram a imagem do islamismo baseado nas escrituras sagradas.

A imagem que temos do islamismo é formada por inúmeros preconceitos, e também por falta de conhecimento, porque é verdade existem homens bombas, a mulher é maltratada, é morte num sei aonde, é mulher que num pode estudar, é povo que está todo destruído com uma roupa toda esquisita, de barba e num sei o que, sim este lado existe, porém este é o lado que o ocidente quer mostrar, que o islamismo não é bondade, não é paz, não é amor, não é respeito, e sim guerra, contudo se procurarmos saberemos que: a “ *palavra islã significa paz, então como é que você baseia uma religião tão grande no mundo inteiro baseada numa palavra chamada paz e num tem paz com ela, não é possível, então você deveria chamar de guerra, e não de paz* ”⁴². Creio que este lado do islã também deveria ser mostrado, não se pode negligenciar tanta informação para atender certos interesses, e o mais engraçado é que vivemos em uma sociedade que preza a democracia.

O tipo de abordagem na mídia ocidental contribui para a fomentação de preconceitos, sempre temos preconceitos com relação ao diferente e quando não se tem a informação necessária esse preconceito pode atingir níveis ainda mais elevados. Meu entrevistado é vítima desse preconceito relatando-o da seguinte forma:

“Hoje se alguém me pergunta se eu sou mulçumano e eu respondo que sim, você vê que a pessoa mudou ah você é mulçumano, sou sim, ah mais você sabe, eles falam assim ah você é daqueles povo de lá, eu falo assim que povo?, Ah daqueles povo que fica brigando, a pessoa também não tem muita informação para saber, elas não buscam informação”.⁴³

Outro mito importante que se divulga aqui no ocidente, com relação a práticas islâmicas contra a mulher trata-se da mutilação do clitóris, meu entrevistado deparou-se com esta questão quando:

“...estava dando uma palestra sobre esses assuntos Oriente Médio e uma pessoa levantou a mão e falou assim “ O islamismo tem uma prática de muita maldade num sei o que e tal?” E aí eu perguntei o que “mas aí mutilam as mulheres sexualmente falando, pelo órgão genital, fazem mutilação porque as mulheres não podem sentir prazer”, eu falei bom, eu ouvi uma pergunta dessa eu sinceramente eu fiquei assim muito irritado, porque isso não é, jamais foi

⁴² Entrevista realizada com S. A. H., no dia 7 de junho do ano de 2005.

⁴³ Idem.

uma pratica do islamismo num tem nada a ver uma pratica religiosa com a mutilação sexual de uma mulher sabe, então eu falei assim olha na hora me veio uma coisa na cabeça assim, e como resposta eu disse assim olha eu vou te responder uma coisa primeiro eu quero dizer que isso é uma informação totalmente distorcida eu não sei de onde você arrumou isso daí não, mas eu vou te falar uma coisa eu tenho mãe e tenho irmãs e nenhuma precisou mutila nada, respondi dessa forma sabe e aquilo fico na minha cabeça, de sabe de onde a pessoa tirou tal informação, vim a descobrir que no Egito tipo assim num local mais afastado, na área rural vamos dizer assim, num povo mais atrasado, pessoas mais atrasadas, sem conhecimento sem estudo e tal, uma região que acontecia o seguinte às mulheres, elas geneticamente falando assim elas desenvolviam a parte do órgão genital que é o clitóris da mulher, crescia mais do que o normal e isso gerava incomodo para as mulheres então simplesmente, eles cortavam um pedaço, fazia-se uma cirurgia vamos dizer assim e retirava parte do clitóris, e era numa comunidade islâmica, então sabe como a informação é distorcida e tal agora isso não era feito como uma forma de violência, era por uma questão de um grupo geneticamente vamos dizer assim porque eu nem sei o motivo disso, tinha esse desenvolvimento anormal da parte genital que era retirado”.⁴⁴

Um grande equívoco que este trabalho me permitiu corrigir foi quanto a visão de Islamismo que possuía, pois compartilhava do ponto de vista ocidental, pois quando iniciei minhas pesquisas tinha certeza que não teria dificuldade em encontrar praticantes em Uberlândia porque sabia que aqui existia um número elevado de descendentes sírio-libaneses, mas quando fui atrás e percebi que não era bem isso que ocorria então notei com as minhas pesquisas que o pensamento ocidental estava presente em mim, e ao procurar uma resposta do porque deste número tão baixo recebi a seguinte resposta: *“a prática do islamismo prega o seguinte que a fé é aquilo que você acredita como religião como crença está dentro de cada um”*⁴⁵. Islamismo é uma escolha de vida, e ao contrário de muitas religiões não precisa de que alguém a pregue para você basta: *“a sua fé, a fé que está dentro de você”*⁴⁶. Sendo assim não exige um lugar específico para sua prática, portanto o número reduzido de praticantes se deve a escolhas pessoais com deduz nosso entrevistado: *“O meio pode até influenciar, mas isso não impede que você de repente deixe de ser aquela pessoa que você é, ou praticar aquilo que você acredita que seja o ideal para a sua religião”*⁴⁷.

O conhecimento é muito valorizado pelo islamismo e é consenso que a alienação torna-se uma ferramenta importante no processo de dominação de um povo, este é um dos motivos da valorização do conhecimento, assim como o conhecimento das sagradas

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Entrevista realizada com S. A. H., no dia 12 de janeiro do ano de 2007.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

escrituras que sustentam a religião, a sua leitura e interpretação são de extrema importância para seguir corretamente os mandamentos do islamismo. Tem-se a idéia que a cultura árabe é uma cultura onde o conhecimento é transmitido por meio da oralidade, isto é um grande equívoco e um anacronismo, porque realmente a memória teve muita relevância na história da cultura árabe, mas essa importância foi anterior ao período das letras, logicamente a memória não deixou de ser importante, porém o conhecimento letrado agora ocupa um grande espaço na construção da cultura árabe, como exemplo dessa tradição oral e da valorização do conhecimento cito um trecho de um artigo da revista *Entre Livros* que diz:

“... meu pai levou o homem para dentro de casa, ficou a sós com ele e ambos conversaram longamente. Em seguida, o homem saiu com meu pai atrás, descalço, até chegar à porta. Meu pai também ordenou que a montaria de seu uso pessoal fosse aparelhada e mediante juras fez o homem montá-la e comprometer-se a não devolvê-la. Quando o homem se retirou, perguntei a meu pai: “quem é esse homem que você tratou com tanta magnificência?” Ele respondeu: “Cale-se, ai de você! Esse é o maior letrado de al-Andalus, seu líder e senhor em saber e letras! Ele é Ibn’Abdún, e a mais simples das coisas que ele sabe de cor é o Livro das Canções”.”⁴⁸

Seguindo com a importância da educação no mundo islâmico, temos o surgimento de uma historiografia, que inicialmente teve grande ligação com a religião, sendo que os estudos realizados visavam a produção de um maior número possível de fontes e fatos relacionados ao profeta Mohammad, e este movimento tiveram como impulso principal a escrita:

“A função histórica foi reforçada principalmente pelo desenvolvimento de uma verdadeira civilização do livro. No fim do século VIII, foram introduzidas em Bagdá a técnica chinesa de fabricação de papel e a de encadernação. Cada soberano, cada cidade, cada mesquita possuía uma biblioteca. Essa paixão pelos livros estimulou enormemente o desenvolvimento dos trabalhos históricos, tornando-se um dos distintos ramos da produção intelectual mulçumana”⁴⁹

Podemos perceber a questão do conhecimento e da educação quando observamos o caso dos palestinos que em sua grande maioria são refugiados, e que vêem a educação como forma de preservar a identidade cultural, e por se tratar de um povo sem território o conhecimento apresenta caráter tão singular, pois: “ele é móvel, não depende da posse de terras, da propriedade, da casa, e constitui o meio mais

⁴⁸JAROUCHE, Mamede Mustafa. *Revista Biblioteca Entre Livros*. Duetto, ano I, nº 3, p.51, 2006.

⁴⁹ARAÚJO, Richard Max de. *Revista Biblioteca Entre Livros*. Duetto, ano I, nº 3, p.16, 2006.

importante para a manutenção do status social, contribuindo finalmente para a preservação do tecido social e da integridade humana”⁵⁰.

A questão do conhecimento e da informação para os orientais que vivem no ocidente também é um ponto importante, sendo que a manutenção de ambos acontece graças ao desenvolvimento tecnológico, que hoje possibilita o contato por meio da Internet com uma gama de sites que trazem informações sobre o oriente com fontes orientais, proporcionando um contato com a nação distante, já que as fontes ocidentais veiculam as notícias carregadas de interesses. Neste ponto de manutenção da cultura e valores a televisão tem grande valor, pois atualmente existem inúmeros canais árabes disponíveis para a assinatura, e estes canais de televisão árabes tem uma programação diversificada, que vai desde de jornais, novelas, atrações culturais, futebol, etc. Possibilitando um contato com o mundo oriental, dentre estes canais ao qual o meu entrevistado tem acesso o mais conhecido no mundo ocidental é a rede Al-Jazeera que ganhou grande destaque devido a sua cobertura dos acontecimentos de 11 de setembro.

A língua é outro fator de nítida valorização da cultura oriental aqui no ocidente, pois sempre que o entrevistado conversava com seu pai, ele falava a língua da sua terra natal, assim como com os outros descendentes que encontrava, esta valorização da língua também é importante na prática do islamismo, pois este está escrito em árabe sendo que sua leitura deve ser efetuada em árabe somente a prece própria de cada praticante pode ser feita em outra língua. Esta é outra adaptação que o oriental tem que passar aqui no ocidente, pois se não aprender a falar, por exemplo, o português aqui em Uberlândia ele estará isolado da grande maioria da população, ficando restrito seu contato ao círculo de pessoas que tem o domínio de sua língua materna.

A confusão que fazemos ao confundirmos religião com política, coloca essas duas coisas como uma só como no caso, por exemplo, do conflito entre judeus e palestinos, assim como a assimilação por parte de nós ocidentais de islamismo como sinônimo de guerra pode ser explicada pela seguinte fala do entrevistado:

“Eles acabam associando isso daí (conflito entre Israel e Palestina), só que a questão religiosa e política são duas coisas diferentes, mas ela acaba trazendo associações porque na verdade o islamismo em si ele não traz somente uma proposta religiosa de crença e fé, ele trás uma proposta social, econômica e política ao mesmo tempo, e não é ruim se você for aplicar, por exemplo, os conceitos político-econômico do islamismo no mundo se aplicados estariam em paz, eu posso dizer que estaríamos em paz, porque ele não prega a

⁵⁰ CLEMESHA, Arlene. **Revista Biblioteca Entre Livros**. Duetto, ano I, nº 3, p.36, 2006.

*desigualdade, não é capitalismo, então você teria paz, porque eu acredito que o capitalismo gera desigualdade, o islamismo não tem isso”.*⁵¹

Tive o contato com o oriente por meio das entrevistas realizadas com um praticante do islamismo, uma repórter fotográfica do jornal The Washington Post, porém teve uma experiência mais direta, no Afeganistão durante os ataques dos Estados Unidos, gostaria de levantar algumas coisas de sua matéria que tive acesso pela revista National Geographic Brasil, do mês de junho de 2002. Creio ser um ponto relevante de ser abordado, pois trata-se do contato de um muçulmano chamado Masud, com uma mulher ocidental e as impressões que esta teve deste período. Com relação à crença dos muçulmanos coloca o seguinte:

*“Tamanho sofrimento não foi capaz de reduzir as esperanças de Masud, radicadas numa profunda devoção a Deus. Percebi isso ouvindo suas longas e jubilosas versões das narrativas do Corão. As rezas crepusculares marcavam a cada dia nossas viagens de jipe ou a cavalo, mesmo sob uma chuva de balas. A despeito dos perigos e das ameaças de morte constantes, Masud e outros afegãos que conheci ansiavam por levar uma vida normal. Ao impor o ritmo da religião, eles conseguiam transformar mais um dia de guerra em uma noite de paz. Ao pôr-do-sol, quebrávamos o jejum do Ramadã com pão ainda quente assado por mãos devotas num forno de barro – soldados, civis e uma estrangeira sentados no chão, num complexo círculo humano unido pelo pão. Os ensinamentos do Islã pareciam amainar a violência potencial naquele povo pobre e desesperado”*⁵²

Ainda podemos observar a presença do preconceito com relação ao oriental no final da fala da repórter quando ela se refere “a violência potencial naquele povo pobre e desesperado”, estes são traços evidentes da visão ocidental com relação ao oriente, que caracteriza os orientais como diferentes inferiores e que necessitam da tutela do ocidente para atingirem o conhecimento.

Fazemos também a confusão constante entre religião e política, creio que o trecho a seguir apresenta opiniões que podem ajudar esclarecer essa questão, pois essa relação entre religião e política (guerra) somente ocorre quando há determinado interesse em jogo, porém também existe a guerra justa e inevitável como poderemos observar:

“Mais tarde o silêncio foi estilhaçado pelo trovejar surdo e amedrontador dos foguetes talibãs. No bunker, pedi a Masud que me explicasse como era possível a Aliança do Norte e os soldados talibãs usarem o mesmo conceito amplo de jihad, ou “guerra santa”, para sancionar a matança entre muçulmanos. “É

⁵¹ Entrevista realizada com S. A. H., no dia 7 de junho do ano de 2005.

⁵² RAIMONDO, Lois. **Revista National Geographic Brasil**. Abril, ano 3, nº 26, p.122, 2002.

complicado”, rebate ele, num súbito sorriso. “Gostou que eu usei a minha nova palavra, “complicado”?” Ele fez uma pausa. Acreditamos que há um só Deus, Alá, e que a vida na Terra é servir a Ele só. Infelizmente o ser humano é fraco, e milas insensatos desobedecem à lei do Corão e conduzem as pessoas numa direção perigosa. A razão dessa guerra é o poder, não Deus”. “Mas como pode um Deus bom e generoso, como você o descreve, justificar que se mate em seu nome?”, indago a ele. “Oh, Lois, eu sou fraco professor para você”, diz ele. “Nosso Deus não quer as pessoas se matando. Muito tempo atrás o mundo islâmico esteve sob ataque de cristãos que queriam fazer com que todo o Islã desaparecesse da Terra. A razão da jihad era a sobrevivência. Para nós, a luta santa com armas é um último recurso. A maior jihad é a jihad do coração”⁵³.

Outro fator que é levantado na matéria da repórter fotográfica do The Washington Post, diz respeito a preocupação com o conhecimento, fato que é extremamente valorizado no Islã, sendo peça chave contra a dominação ocidental por meio da alienação dos povos orientais que não ocorre devido ao valor dado aos estudos, com relatado a seguir:

“Naquele bunker, calejados guerreiros uniam-se em torno de lamparinas para ouvir seu comandante ler em voz alta, nas paginas em frangalhos de um livro de poesia persa, delicadas historias sobre jovens e bravos cavaleiros que saem para fazer boa guerra, deixando para trás as sendas de pétalas que seus amores não correspondidos jamais poderiam trilhar”⁵⁴.

Tive a oportunidade de presenciar diversos encontros entre meu entrevistado e seus irmãos orientais, para minha surpresa sempre foram conversas que pareciam extremamente agradáveis digo pareciam porque as conversas se davam todas em língua árabe, e como não tenho o menor conhecimento da língua ficava apenas observando, mas eram sempre encontros marcados pelo riso, e creio brincadeiras, além de assuntos sérios como política e notícias com relação à terra natal. Meu entrevistado percebendo a minha surpresa devido ao caráter amistoso daqueles encontros disse: “É sempre assim quando se encontram”⁵⁵, e mesmo sem entender nada me sentia bem, pois era um ambiente que transparecia paz e harmonia. A união dos orientais aqui em Uberlândia me impressionou, pois foram raros os meus contatos com o entrevistado onde não tive a oportunidade de conhecer um outro descendente, e esta irmandade e respeito ao irmão eles trazem como característica de sua cultura.

A perda do ambiente para a prática do islamismo certamente é enorme, porém dos pilares da religião apenas a peregrinação e o zakat ficam prejudicados, pois para se

⁵³ RAIMONDO, Lois. **Revista National Geographic Brasil**. Abril, ano 3, nº 26, p.131, 2002.

⁵⁴ RAIMONDO, Lois. **Revista National Geographic Brasil**. Abril, ano 3, nº 26, p.133, 2002.

⁵⁵ Entrevista realizada com S. A. H., no dia 7 de junho do ano de 2005.

fazer a peregrinação partindo aqui de Uberlândia torna-se uma empreitada bastante onerosa e infelizmente necessita de uma condição financeira privilegiada para tal prática, a contribuição dada pelo lucro obtido no decorrer do ano também encontra obstáculos, por outro lado a fé, a oração e o jejum, podem ser praticados longe da terra natal, fato que ocorre, pois como levantado anteriormente no islamismo não se tem padres, nem pastores, etc., sendo pré-requisito para a prática do islamismo somente a fé, e esta carrega-se aonde quer que se esteja. As orações e o jejum também sofrem perdas, pois não se tem a mesquita, porém o fato de não ter a mesquita não inviabiliza a prática de ambos, certamente não se tem a esfera religiosa que se tem na terra natal, mas o mais importante se tem que é a fé.

A maneira de se encarar a sociedade e agir mantém-se as mesmas, pois os valores adquiridos não são substituídos pela nova forma social que se deparam a partir da mudança, no entanto algumas mudanças nas ações são necessárias para que se tenha uma convivência com a nova sociedade em que se está vivendo agora, mas como nos diz o entrevistado: “Esse contato é importante porque aprendi muito”. Portanto temos que aprender a conviver com aquele que é diferente de nós, que não possui as mesmas crenças, as mesmas tradições e mesmos valores, não podemos diminuí-los somente pelo fato de ser diferente, porque um contato com qualquer cultura que seja sempre trará benefícios cabe a cada um saber aproveitar esta interação da maneira mais positiva possível.

Certamente ao analisarmos essas duas culturas não podemos negar as diferenças existentes, porém não podemos simplesmente colocar como se fossem duas culturas distintas sem nenhuma relação entre si, mas por falta de conhecimento e falta de informação de qualidade tem-se o preconceito com relação ao outro, pois parece não haver qualquer semelhança existente entre esses dois mundos, que ultimamente vivem em clima de extrema hostilidade. Este cenário dificulta a convivência entre ocidente e oriente, fazendo com que as diferenças culturais se acentuem tanto que para um oriental levar uma vida tranquila em território ocidental deve se policiar o tempo todo para não cometer atos que dificultem a sua aceitação na sociedade ocidental, fazendo com que infelizmente tenha que abdicar de alguns valores para viver nesta nova organização social.

Os praticantes do islamismo após o 11 de setembro estão convivendo com um preconceito exacerbado, assim como a anos os negros vivem nas sociedades ocidentais, pois simplesmente temos o preconceito devido a diferença, ao não conhecimento, e

logicamente a questão cultural, mas assim como o negro que ao ser visto na rua por um branco já é logo taxado como possível marginal, ladrão, etc. Os povos orientais passam nos países ocidentais por esse mesmo problema, pois o fato de se ter traços característicos dos orientais tornou-se algo pejorativo porque corre-se o risco de ser confundido com terrorista, homem-bomba, etc. O caso mais extremo desse exemplo aconteceu com o brasileiro Jean Charles, que tinha 27 anos e trabalhava como eletricitista, morreu ao receber oito tiros (sete na cabeça e um no ombro) de agentes da brigada antiterrorista da Scotland Yard em 22 de julho de 2005, na estação de metrô de Stockwell (sul de Londres). Os policiais confundiram o brasileiro com um dos terroristas que cometeram os atentados fracassados da véspera contra três estações de metrô e um ônibus urbano da capital. Portanto as diferenças existem, mas não podemos chegar a tal ponto onde o diferente passa a ser suspeito.

Um fator agravante com relação a esta discriminação do “outro” é que ela está presente no ambiente escolar, produzindo assim um contexto onde adolescentes e crianças somente reconhecem a sua cultura como importante, desmerecendo assim as culturas diferentes da sua:

“O nacionalismo defensivo, reativo e até paranóico infelizmente se entrelaça com grande frequência na própria estrutura educacional, em que crianças e adolescentes aprendem a venerar e celebrar a exclusividade de suas tradições (em geral invejosamente, em detrimento das demais”.⁵⁶

⁵⁶ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Considerações Finais

Não foi tentativa deste trabalho descrever o Islamismo como algo perfeito, claro e evidentemente a perfeição em qualquer campo não existe, assim como a verdade, porém o que foi tratado foi uma religião que após os acontecimentos de 11 de setembro começou a ser abordada de maneira extremamente tendenciosa e negativa, disseminando a formação de interpretações gerais, não levando-se em conta as singularidades que o islamismo possui, gerando um imenso preconceito com relação a todos os seus praticantes chegando ao extremo de relacionar os islâmicos com terrorista, produzindo assim um ponto de vista que naquele momento era de suma importância para atender os interesses de nações ocidentais.

O contato com praticantes do Islamismo que tem uma interpretação diferente do Alcorão, que não aquela radical praticada pelos terroristas, foi essencial para quebrar essa barreira existente entre islamismo e terror, pois a partir de então podemos constatar que assim como as demais religiões o Islã possui uma gama enorme de decodificação das escrituras sagradas, e que existem em sua grande maioria islâmicos que são contra os ataques terroristas, mas os meios de comunicação colocam essa minoria radical como caracterização do islamismo, produzindo uma generalização equivocada que infelizmente a maioria por falta de informação são levados a crer.

Outro fator que foi essencial para afastar o Islã do terror se trata do trabalho com inúmeras fontes, ou seja, grande quantidade de interpretações sobre o tema, fez-se pesquisa em jornais, revistas, Internet, livros, filmes e entrevistas. Cada fonte com sua singularidade contribui para a fomentação dos pontos de vistas levantados no decorrer deste trabalho, sendo que a imprensa por meio de jornais e revistas foram as principais influenciadoras neste projeto, pois como falado anteriormente a forma que a mídia abordava o islamismo despertaram o interesse pela busca de conhecimento necessário para questionar as afirmações que estavam postas.

A Internet muita das vezes criticada também desempenhou neste trabalho um papel importante, porque como uma rede mundial pode-se ter o contato com as mais diversas informações, dos mais variados pontos de vistas, porém se faz necessária uma análise criteriosa do material que será utilizado, pois como sabemos a um grande número de conteúdos de péssima qualidade.

Agora a fonte que desempenhou papel principal na confecção deste projeto foram as entrevistas e conversas realizadas com os praticantes do islamismo em Uberlândia, as mesmas possibilitaram o contato com um mundo que até estava privado do meu conhecimento, pois a mídia ocidental tratava o islã de forma generalizada, as entrevistas colaboraram para o contato com esse mundo extremamente singular e rico, que infelizmente é colocado como algo tão negativo para nós. Este trabalho tentou também acabar com a distância que foi imposta entre oriente e ocidente, porque da maneira que nós ocidentais trabalhamos o tema parece que não existe nenhuma relação entre esses mundos, que são diferentes, mas isso não quer dizer que são isolados um do outro, que não podemos evidenciar a influência de um no outro, e que a superioridade entre os povos não existem, pois ambas culturas são extremamente ricas, e essa riqueza se deve em parte pelos longos anos de contato que tiveram, porém infelizmente hoje em dia tentamos eliminar qualquer relação que liguem orientais e ocidentais.

Enfim procuramos desenvolver um trabalho que possibilite uma abertura dos olhos de muitos, que se deixam influenciar pelos meios de comunicação que moldam a sociedade procurando atender determinados interesses. Assim como buscamos despertar o gosto pelo trabalho com as mais variadas fontes, pois somente a informação cuidadosamente analisada poderá nos livrar da alienação. E por fim procurar abrir os olhos para a questão do preconceito, porque este na maioria das vezes é uma questão cultural que foi construída ao longo de vários anos, cabendo a nós lutar contra as generalizações por meio da busca de informações que possam nos libertar, e por fim a tais preconceitos tão enraizados em nossa sociedade.

Fontes Pesquisadas

Jornais:

Jornal Correio de Uberlândia, no período de 12 à 30 de setembro do ano de 2001.

Entrevistas:

S. A. H.. Concedidas ao autor nos dias 4 e 7 de junho de 2005, e 12 e 18 de janeiro de 2007.

Filmes:

1. Filme 12 Homens e uma Sentença (12 Angry Man, 1957, Estados Unidos).
2. Filme Fahrenheit 11 de Setembro (Fahrenheit 9/11, 2004, Estados Unidos).

Outras Fontes Pesquisadas:

Revistas:

1. Revista National Geographic Brasil. Editora Abril. Ano 3, nº 26. São Paulo. Junho 2002.
2. Revista Biblioteca Entre Livros. Editora Duetto. Ano I, nº 3. São Paulo.

Sociedade Beneficente Mulçumana do Rio de Janeiro:

<<http://www.sbmj.org.br>>. Acessado em Janeiro de 2007.

Referências Bibliográficas

ALI, Tariq. **Confronto de Fundamentalismos Cruzadas, Jihads e Modernidade.**

Tradução: Alves Calado. Rio de Janeiro.Record, 2002.

ALMEIDA, Paulo Roberto e KOURY, Yara Aun: História Oral e Memórias Entrevista com Alessandro Portelli. In: **História & Perspectivas**. Uberlândia. (25 e 26) : 27-54, Jul./Dez.2001/Jan./Jul.2002.

BODANSKY, Yossef. **Bin Laden: O homem que declarou guerra à América.**

Tradução: Helena Luiz. São Paulo. Ediouro, 2001.

CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. Tradução: Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2002.

FENELON, Déa, CRUZ, Heloísa e PEIXOTO, Maria do Rosário. Introdução – Muitas memórias, outras histórias. In: **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo. Olhos d'água, março de 2005.

HADDAD, Jamil Almansur. **O que é Islamismo**. São Paulo. Editora Brasiliense. 4ª edição, 1994.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução: Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. São Paulo. DP&A Editora, 2005.

_____. Pensando a Diáspora Reflexões sobre a Terra no Exterior. In: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. UFMG. Belo Horizonte, 2003.

HOBBSBORN, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

LEWIS, Bernard T. **Os Árabes na História**. Lisboa. Editora Estampa, 1999.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro. Vol. 1, nº 2, 1996.

_____. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. In: **História & Perspectivas**. Edufu. nº 25/26. Uberlândia, Jul/Dez 2001, Jan/Jun 2002.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

_____. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

_____. **Cultura e Política**. Tradução: Luiz Bernardo Pericás. São Paulo. Boitempo Editorial, 2003.

SCALERCIO, Márcio. **Oriente Médio: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver**. Rio de Janeiro. Campos, 2003.